

TIRINHAS, ALÍVIO CÔMICO E A IDENTIDADE DE GÊNERO EM TRANSIÇÃO:  
HUGO E MURIEL NO MUNDO IMAGINÁRIO DE LAERTE

by

VERA MARIA BULLA

(Under the Direction of ROBERT HENRY MOSER)

ABSTRACT

Comic literature, especially the comic strips published in newspapers, frequently reflects, and contributes to current issues of public debate. This project investigates comic strip selections created by Brazilian transgender cartoonist Laerte Coutinho from 2005 to 2014, with special emphasis on the gender transition of the character Hugo. Through the narrative of Hugo's transition to Muriel, the comic strips allow Laerte to reveal her own inner and external process transition and express her experience as a transwoman in a relatively mainstream public forum. Laerte utilizes humor in "tirinhas" (comic strips) in a disarming and provocative way by questioning gender and identity. By means of the visual and textual narrative of these comic strips, the reader accompanies Hugo's personal journal across the spectrum of transgendered experiences. Laerte reveals her own process of transition and self-identification as a transwoman artist and spokesperson for marginalized transgendered communities in Brazil and beyond.

INDEX WORDS: Comic strips, Laerte, transgender, Hugo, Muriel, literature of self,  
humor relief

TIRINHAS, ALÍVIO CÔMICO E A IDENTIDADE DE GÊNERO EM TRANSIÇÃO:  
HUGO E MURIEL NO MUNDO IMAGINÁRIO DE LAERTE

by

VERA MARIA BULLA

B.A., University of Georgia, Athens, 2016

A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial  
Fulfillment of the Requirements for the Degree

MASTER OF ARTS

ATHENS, GEORGIA

2018

© 2018

Vera Maria Bulla

All Rights Reserved

TIRINHAS, ALÍVIO CÔMICO E A IDENTIDADE DE GÊNERO EM TRANSIÇÃO:  
HUGO E MURIEL NO MUNDO IMAGINÁRIO DE LAERTE

by

VERA MARIA BULLA

Major Professor: Robert Henry Moser  
Committee: Luis Correa-Díaz  
Paulo Henrique Caetano

Electronic Version Approved:

Suzanne Barbour  
Dean of the Graduate School  
The University of Georgia  
May 2018

## **DEDICATÓRIA**

Eu dedico essa pesquisa a todas as vítimas de preconceitos e crimes de ódio que sofrem por conta de sua identidade de gênero e orientação sexual.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço todos que me ajudaram, especialmente minha família juntamente com +Lily, +Blossom, Elsa, Cosmo e Violet.

Nessa jornada, encontrei muito apoio de professores e amigos. Agradeço a paciência dos professores que tive, principalmente Professor Robert Moser, Luis Correa-Díaz e Paulo Henrique Caetano.

Reconheço a importância do trabalho de Laerte, uma figura valiosa na luta pela visibilidade de todas as pessoas transgêneros. A luta não existe apenas nas tirinhas de Laerte. A luta por respeito e valorização acontece todos os dias por milhares de pessoas marginalizadas.

## SUMÁRIO

	PÁGINA
AGRADECIMENTOS .....	v
1 Introdução .....	1
2 Capítulo 1: As tirinhas .....	5
3 Capítulo 2: A identidade de gênero .....	16
4 Capítulo 3: Hugo e Muriel .....	30
5 Conclusão.....	62
6 Bibliografia .....	67

## LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1: Exemplo de uma tirinha de Laerte .....	11
Figura 2: Primeiras formas de comunicação escrita.....	13
Figura 3: Explicação sobre o posicionamento referente à aceitação aos indivíduos LGBT no território da América Latina. ....	26
Figura 4: Menino ou menina?.....	29
Figura 5: Beth conversa com Hugo sobre o Manual de Psicologia:.....	33
Figura 6: Hugo usa um vestido de mulher para esconder-se da máfia .....	35
Figura 7: Hugo procura vestidos novos para continuar escondendo-se da máfia .....	36
Figura 8: Hugo refere-se a si próprio como Gilda. ....	38
Figura 9: Hugo retoca sua maquiagem em frente ao espelho.....	40
Figura 10: Hugo se sente atraído pelo funcionário da assistência técnica .....	42
Figura 11: Mafioso encontra Hugo, que o recebe com um beijo.....	44
Figura 12: Hugo veste uma cinta de vestido para deixar a barriga mais esbelta .....	46
Figura 13: Pela primeira vez, Hugo assume sua identidade feminina:.....	48
Figura 14: Hugo coloca silicone pela primeira vez .....	51
Figura 15: Hugo desafia as questões de gênero e sexualidade .....	52
Figura 16: Hugo observa uma <i>crossdresser</i> .....	55
Figura 17: Laerte confessa relatos de sua adolescência.....	56
Figura 18: Hugo encontra Muriel na rua.....	59

Figura 19: Hugo sonha com Muriel .....	61
Figura 20: Temática das tirinhas .....	64
Figura 21: Muriel como fonte de inspiração para apoio e aceitação .....	66

## INTRODUÇÃO

Introduzir experiências próprias na forma de literatura tem como um de seus propósitos trazer atenção para um determinado tópico e buscar diálogo com a sociedade sobre contrariedades e possíveis soluções. Quando se trata de uma literatura não padronizada, o objetivo de discussão se torna emaranhado. O sociólogo Richard Harvey Brown apontou que nos tempos atuais, o fato de simplesmente contar narrativas usando experiências pessoais não é suficiente para atingir o propósito de diálogo de um determinado texto. Existe ainda a necessidade de uma modificação literária e segundo Brown, “o prêmio, ao contrário, está na inovação estilística como tal, em tornar a própria linguagem o tópico do texto” (575)<sup>1</sup>.

A literatura de quadrinhos, principalmente as tirinhas publicadas em jornais, normalmente seguem a sociedade e os temas em debate atuais, já que as tirinhas são publicadas em jornais e tendem a ser um reflexo da sociedade e dos conceitos discutidos por ela. Laerte Coutinho é uma cartunista brasileira com uma carreira sólida que inclui publicações de tirinhas em jornais, livros e roteiros para programas de TV e cinema.

A cartunista publica suas tirinhas dando enfoque nos momentos que vive, por exemplo, no tenso período de ditadura militar no Brasil. Laerte publica tirinhas que incorporam política e questões sociais, porém desde que Hugo se consagrou como uma persona, ou externalização parcial de Laerte e conseqüentemente Muriel foi criada,

---

<sup>1</sup> All citations were translated by the author unless otherwise stated: “The premium, instead, is on stylistic innovation as such, on making language itself the topic of the text” (575).

Laerte então passou a discutir questões de identidade de gênero, assim como também sexualidade e direitos sociais. Brown argumenta que escritores que não trabalham com narrativas tradicionais tendem a criar novas formas de leitura. Ele diz que “tais escritores não se concentram em objetos à medida que são entregues, mas em como podem ser feitos para se revelarem mediados por um novo aparato linguístico” (575)<sup>2</sup>.

Seguindo a teoria de Brown, este trabalho busca estudar primeiramente as tirinhas como subgênero de narrativas gráficas, muitas vezes ignorada como modelo literário. Neste trabalho, busca-se fazer uma introdução do gênero de quadrinhos para construir um entendimento sobre a sequência das tirinhas e a importância de sua composição artística e de seus diálogos como configuração de arte literária. Esta pesquisa nos apresenta Laerte em início de carreira para compartilhar uma compreensão sobre seu estilo de escrita e criação, antes de focar nas duas figuras principais dessa pesquisa, os personagens Hugo e Muriel.

Além da contextualização das tirinhas, este trabalho também observa teorias e depoimentos que abrangem a questão da identidade de gênero. Assim como o personagem Dorian, de Oscar Wilde, o personagem Hugo tem uma relação simbiótica com a sua referência humana “em carne e osso”, que de certa forma serve como um espelho das experiências e descobertas da própria Laerte, sobretudo perante a própria identidade de gênero. Na obra de Oscar Wilde, Dorian se identifica com sua imagem bela pintada por Basil Hallward, e enquanto sua vida se modifica interiormente, a pintura se modifica externamente ao envelhecer, até tornar-se grotesca. Já no desenho de Hugo,

---

<sup>2</sup> “Such writers do not focus on objects as they are pre-given, but on how they might be made to reveal themselves as mediated by a new linguistic apparatus” (575).

existem uma identificação com seu criador e modificações internas/externas aparentemente relacionadas a mudanças semelhantes vivenciadas por Laerte, porém de maneira mais cômica, construtiva e afirmativa.

Seguindo ainda a conjectura de Brown, “o retrato fictício e a praxis política estão, portanto, ligados através da mimesis social, porque a representação do mundo é a autorização de nossa existência. A arte pode revelar nossas condições atuais e autorizar a criação de novas artes” (588)<sup>3</sup>. Portanto, através das experiências de Laerte, estudamos seu processo de criação, assim como a maneira como aborda conceitos de gênero. Tentamos estudar especialmente como a personagem Muriel se transforma em um símbolo de visibilidade para transgêneros, desde o momento em que conduz a imagem (re)construída e retratada de Laerte, seu criador, buscando um diálogo, em palavras e imagens, com a sociedade brasileira acerca da construção de gênero, que é o tema do capítulo dois.

E por fim, na última parte deste trabalho, estudamos as tirinhas de Hugo e Muriel, em seu processo de contínua transformação. Nesse sentido, evocamos Judith Butler, que acredita que performatividade é um processo em construção: “O primeiro ponto a ser entendido sobre performatividade é o que não é: as identidades não são feitas em um único momento no tempo. Elas são feitas de novo e de novo. Isso não significa que as identidades sejam radicalmente novas a cada vez que são feitas, mas apenas que

---

<sup>3</sup> “Fictional portrayal and political praxis are thus linked through social mimesis, because the representation of the world is the authorization of our existence. Art can reveal our present conditions and authorize the creation of new ones”(588).

leva algum tempo para as identidades serem reveladas” (116)<sup>4</sup>. Entendendo identidade como um processo em andamento, pode-se observar no personagem Hugo um pouco de Laerte, descobrindo-se e também fazendo uso das tirinhas como uma luta contra preconceitos e julgamentos. Laerte diz, no filme documentário *Laerte-se*, que “eu sou um homem e eu estou assumindo uma linguagem e uma cultura que é tida como feminina. Estou invadindo essa área e reivindicando para meu uso também. Eu sou uma mulher tanto quanto um homem”.

O corpus desta pesquisa abrange tirinhas publicadas em dois livros de Laerte: *Hugo para principiantes* e *Laertevisão*. A grande maioria das tirinhas analisadas fazem parte do site *Muriel Total* no período de 01 de Março de 2009 a 19 de Julho de 2014.

O trabalho investiga tirinhas específicas de Laerte diferenciadas por serem veículos artísticos, psicológicos e educativos de auto conhecimento e apoio para pessoas trans. As tirinhas servem como um instrumento de visibilidade em forma humorística para que leitores em geral tomem maior conhecimento sobre a carência de segurança, respeito e integração de pessoas trans na sociedade brasileira e além. Faremos uma tentativa para responder algumas perguntas pertinentes, tais como, de que maneira as diferentes formas de arte podem produzir modelos positivos para pessoas trans? Como é que as tirinhas, especificamente, despertam interesse, empatia e atenção dos leitores? Como Laerte, de forma singular, utiliza o leitor, nesta combinação de palavras e imagens, com o intento de instigar um diálogo sobre questões de gênero no Brasil?

---

<sup>4</sup> “The first point to understand about performativity is what it is not: identities are not made in a single moment in time. They are made again and again. This does not mean identities are made radically new every time they are made, but only that it takes some time for identities to be brought out” (116).

# CAPÍTULO 1

## As tirinhas

Embora esta pesquisa seja focada nas tirinhas da cartunista brasileira Laerte e na análise de seus personagens Hugo e Muriel, é necessário que tenhamos um entendimento sobre as tirinhas e onde elas se encaixam como gênero narrativo, em âmbito nacional e internacional, e assim entender a linguagem que usam. Aqui serão usadas algumas teorias de críticos especializados em tirinhas, quadrinhos e romances gráficos em geral, que publicaram artigos e livros sobre esse ramo literário.

Em seu artigo “Narrative in Comics” (2009), Henry John Pratt posiciona os quadrinhos em uma plataforma como uma forma de arte e um gênero literário. O autor, que estuda a função da narratologia em quadrinhos e novelas gráficas, sugere que a forma híbrida dos quadrinhos tenha duas dimensões. Os quadrinhos, segundo Pratt “são uma forma de arte híbrida que emprega estratégias narrativas estreitamente ligadas à literatura, por um lado, e outras mídias narrativas pictóricas, por outro” (107).<sup>5</sup>

Para argumentar a teoria de Pratt, de que quadrinhos são uma forma de arte híbrida, os autores Gabrielle Rippl e Lukas Etter questionam Pratt no que diz respeito à palavra “híbrida”, que para Rippl e Etter, parece uma maneira de defesa. Rippl e Etter

---

<sup>5</sup> “It is a hybrid art form that employs narrative strategies closely connected to literature, on the one hand, and other pictorial narrative media, on the other. The pictorial dimension is the subject of the third section” (107).

argumentam que “rotulando narrativas gráficas como uma ‘forma de arte híbrida’ também levanta questões: parece defensivo como se alguém tivesse que insistir em que as narrativas gráficas são uma forma de arte e não um meio de massa popular” (194).<sup>6</sup> Embora Rippl e Etter não concordem com o termo “híbrido” porque para eles o termo parece ser uma forma de defesa, os autores concordam com Pratt na questão de que a narrativa gráfica é considerada um gênero literário que engloba subgêneros, tais como a tirinha, as histórias em quadrinhos e o romance gráfico.

Considerando que são um subgênero de narrativas gráficas, podemos então argumentar que as tirinhas, objeto de estudo dessa pesquisa, fazem parte de um ramo da literatura que se compõe de imagens e textos para formar uma história (192). E com relação à linguagem do gênero de tirinhas? Como os textos se enquadram no gênero literário? Existe alguma regra para a proporção entre imagens e textos a serem utilizados dentro de uma história em uma tirinha? Existe algum método formal ou informal que determine como as tirinhas podem ser escritas? Muitos teóricos publicam estudos sobre a linguagem das tirinhas, por exemplo, Will Eisner, em seu livro *Comics and Sequential Art* argumenta que a forma de linguagem usada em quadrinhos é a formação de uma ideia: "Escrever para quadrinhos pode ser definido como a concepção de uma ideia, o arranjo de elementos de imagem e a construção da sequência da narração e a composição do diálogo. É ao mesmo tempo parte e todo do meio. É uma habilidade especial, seus requisitos nem sempre são comuns a outras formas de ‘escrever’, para isso lida com uma

---

<sup>6</sup> “labeling graphic narratives a ‘hybrid art form’ likewise raises questions: it sounds defensive as if one had to insist that graphic narratives are an art form rather than a popular mass medium” (194).

tecnologia singular" (122).<sup>7</sup>

Para estudiosos de narrativa gráfica como o historiador e cartunista belga Pascal Lefèvre, na maioria das tirinhas, existe uma voz não identificada que narra a história com a ajuda de figuras. Lefèvre nota que: “a voz narratória não fornece apenas informações sobre tempo e localização, mas também cria pontes entre duas sequências, comprimindo verbalmente eventos que são menos interessantes para serem exibidos visualmente” (265).<sup>8</sup>

As linguagens das tirinhas variam com cada autor. Alguns cartunistas preferem seguir uma linha cronológica e outros jogam com o tempo, a voz narrativa e a sequência dos eventos. No caso das tirinhas de Laerte, a linguagem varia de acordo com seus personagens. Por exemplo, especificamente para o objeto de estudo desta pesquisa, Hugo e Muriel, em suas tirinhas, seguem uma sequência de eventos cronológica e as imagens se agrupam com a voz narrativa. Laerte segue uma sequência em suas tirinhas, e não exige do leitor um entendimento anterior e a mensagem flui naturalmente, com poucos diálogos e com imagens que têm voz própria. Dentro do contexto narrativo, não existe uma regra para a quantidade de imagens e letras utilizadas dentro de uma tirinha e o método, formal ou informal, é uma escolha do próprio autor. Por exemplo, quanto ao nosso objeto de pesquisa, as tirinhas de Laerte, em seus livros, a cartunista tem mais espaço para

---

<sup>7</sup> “Writing for comics can be defined as the conception of an idea, the arrangement of image elements and the construction of the sequence of the narration and the composition of dialogue. It is at once a part and the whole of the medium. It is a special skill, its requirements not always in common with other forms of ‘writing’ for it deals with a singular technology” (122).

<sup>8</sup> “The narratorial voice does not only deliver information about time and location but also builds bridges between two sequences, verbally compressing events that are less interesting to show visually” (265).

desenvolver as narrativas e escolher o número de tirinhas. Em seu trabalho em jornais, como em suas publicações para a *Folha de São Paulo*, a cartunista obedece o espaço dado dentro do jornal, sendo que as imagens que escolhe e o tamanho das mesmas são determinadas pela cartunista e aprovadas pelo time editorial.

A cientista literária alemã Monika Schmitz-Emans reuniu um apanhado de estudos teóricos que lidam com a estrutura e análises de narrativas gráficas, especialmente pelo crescimento do número de leitores de quadrinhos, tirinhas, mangás, novelas gráficas e de adaptações de literatura canônica para quadrinhos. Schmitz-Emans analisa que “construídos a partir de um ponto de visão definido por essa abordagem metodológica, os quadrinhos são interpretados como uma arte que estruturalmente e funcionalmente deve ser comparada com as palavras de escritores literários” (385).<sup>9</sup> Schmitz-Emans faz uma comparação entre a marginalidade e popularidade da narrativa gráfica. O que antes não era aceito como literatura, atualmente é estudado em instituições de ensino, como por exemplo, as aulas sobre o estudo literário dos quadrinhos lecionadas por Michael Baers, na Universidade de Artes de Berlim, na Alemanha.

Segundo Schmitz-Emans, “como consequência, as novelas gráficas e outras histórias em quadrinhos são agora coletadas pelas bibliotecas, tendo sido rejeitadas anteriormente como um item de consumo que não exigia preservação e distribuição de longo prazo” (391).<sup>10</sup> A relevância da narração gráfica ser considerada um gênero

---

<sup>9</sup> “Constructed from a viewing point defined by this methodological approach, comics are interpreted as an art that structurally and functionally should be compared with the words of literary writers” (385).

<sup>10</sup> “As a consequence, graphic novels and other comic books are now collected by libraries, having been rejected in former times as a consumer item that did not require preservation and long term distribution” (391)

literário é tão importante quanto o tópico que abrange literatura global. Como podemos definir se um campo literário, como a narração gráfica, pode ser considerado uma literatura global? A resposta, argumentada por Schmitz-Emans, é de que o próprio termo, literatura global, serve como exemplo para novas criações, assim como o termo de narração gráfica. Ambos, a literatura global e a narração gráfica se definem e se assimilam por possuírem novas formas de linguagem, elementos de cultura de cada país e formas individuais de interpretação de cada autor. As tirinhas se enquadram no termo literatura global por possuírem elementos similares em diferentes culturas.

Autores e professores especializados em ensino de *comics* em nível universitário, tais como o Professor Jan Baetens, da University of Leuven, na Bélgica e Professor Hugo Frey, da University of Chichester, na Inglaterra, reforçam a presença do gênero gráfico narrativo como disciplina acadêmica. Esses autores publicaram *The Graphic Novel: An Introduction*, onde examinam a evolução e a história do gênero e analisam a linguagem, desenhos e imagens utilizadas ao construir uma história narrativa. Os autores levam em consideração que até mesmo organizações profissionais como a Modern Language Association (MLA) e a International Association of World and Images Studies (IAWIS) dedicam painéis e sessões em suas convenções para estudos gráficos narrativos. MLA possui inclusive um próprio guia que serve de ajuda para que professores ensinem a disciplina: “Teaching the Graphic Novel”, de Stephen Tabachnick, professor da University of Memphis.

Lisa Cornwell, da *The Associated Press*, em seu artigo “Comics No Longer a Joke in Academia”, defende o uso de novelas gráficas e tirinhas dentro do campo acadêmico, assim como também o aumento na procura de livros de tirinhas, quadrinhos e

romances gráficos em bibliotecas universitárias. Cornwell relata que "mais escolas também estão estudando quadrinhos como literatura ou escrita criativa em departamentos ingleses. E embora educadores de arte e estudantes digam que o preconceito acadêmico ainda exista, há mais conferências acadêmicas sobre quadrinhos, e as bibliotecas estão cada vez mais incluindo obras de quadrinhos em seus arquivos" (51).<sup>11</sup>

Um dos teóricos mais estudados no campo dos quadrinhos, o cartunista Will Eisner, estuda a linguagem e sequência de leitura em *Comics & Sequential Art*. O autor analisa as primeiras tirinhas publicadas em jornais no final do século XIX e a popularidade do gênero no começo do século XX. Eisner observa que “os quadrinhos se comunicam em um ‘idioma’ que depende de uma experiência visual comum a ambos, o criador e público. Espera-se que os leitores modernos tenham uma compreensão fácil da mistura de imagem-palavra e da decifração tradicional do texto. Os quadrinhos podem ser chamados de ‘leitura’ em um sentido mais amplo do que esse termo é comumente aplicado” (7).<sup>12</sup>

Levando em consideração as teorias utilizadas por Will Eisner, podemos presumir que artes gráficas em geral (tirinhas, quadrinhos e romances gráficos) trabalham essencialmente com dois elementos: palavras e imagens. Para o propósito de estudo desta pesquisa, as tirinhas, pode-se notar que algumas contêm um dos elementos, às vezes,

---

<sup>11</sup> “More schools are also studying comics as literature or creative writing in English departments. And although art educators and students say academic prejudice still exists, there are more academic conferences on comics, and libraries are increasingly carrying comic works” (51).

<sup>12</sup> “Comics communicate in a ‘language’ that relies on a visual experience common to both creator and audience. Modern readers can be expected to have an easy understanding of the image-word mix and the traditional deciphering of text. Comics can be called ‘reading’ in a wider sense than that term is commonly applied” (7).

somente imagens sem o uso de texto, ou podem fazer uso dos dois elementos. As tirinhas de Hugo e Muriel, objeto desta pesquisa, são compostas de imagens e textos. A tirinha a seguir, serve como exemplo daquelas criadas por Laerte, onde ela faz uso de imagens e textos.

**FIGURA 1**



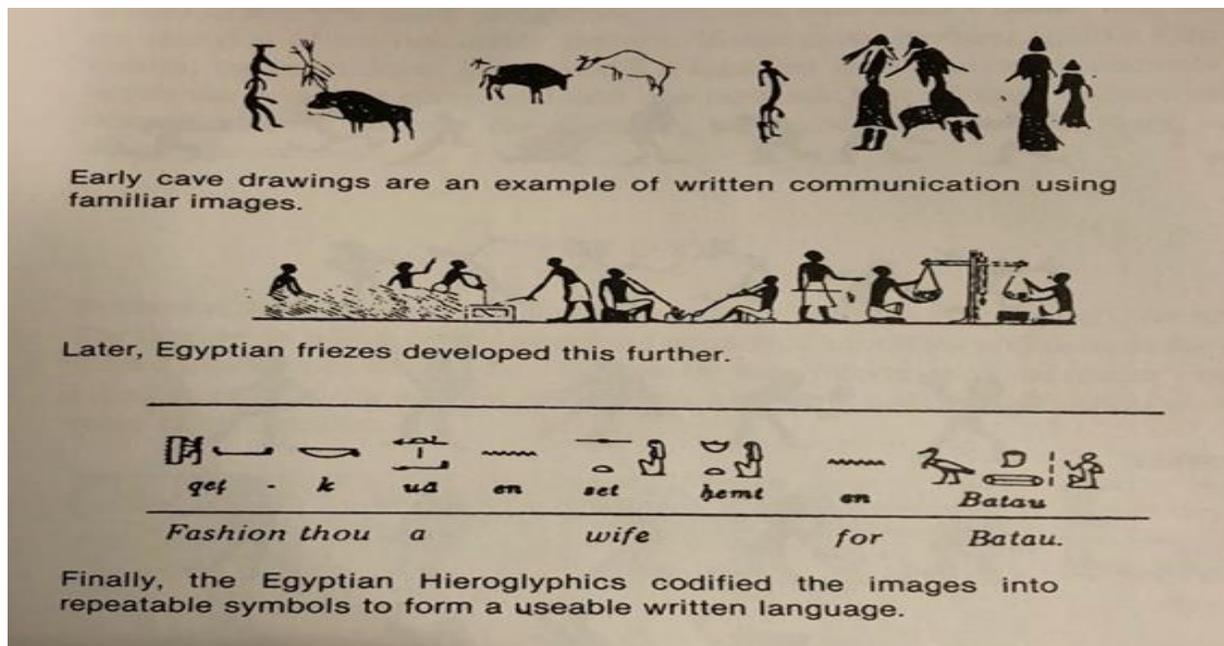
**Figura 1:** Exemplo de uma tirinha de Laerte. Fonte: COUTINHO, Laerte. **Striptiras – Número 2** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007, p. 6

Para fazer um estudo de uma história em quadrinhos, tirinhas ou romances gráficos, é necessário analisar ao menos quatro elementos: a imagem, o tempo, a estrutura e o diálogo. A imagem representa o desenho do artista e a construção individual de seus personagens e como eles se relacionam uns com os outros, ou consigo mesmo, dentro da história. O tempo significa a duração da narração. Pode ser que a história dure questão de minutos, horas ou anos. A estrutura, é a forma como a tirinha é exibida; geralmente uma tirinha tem três quadros, e esse formato é tradicionalmente usado pela maioria dos cartunistas, desde as primeiras publicações em jornais. E por fim, o diálogo, que é a forma como o cartunista decide dar voz aos personagens ou ao narrador. Por exemplo, os métodos mais utilizados são os balões que dão voz aos personagens, que representam os

pensamentos dos mesmos. A maneira como cada indivíduo compreende uma tirinha varia de acordo com a percepção visual de cada um. Eisner observa que as tirinhas são posicionadas para guiar o leitor a seguir a história em ordem cronológica, porém cada leitor interpretará as narrativas de acordo com suas experiências.

No Brasil, as histórias em quadrinhos também são chamadas de HQs, gibis, revistinhas, historietas, tirinhas e romances gráficos. Para esta pesquisa, na qual serão feitas análises dos quadrinhos de Laerte, será adotado o termo tirinhas. Algumas imagens tendem a refletir as próprias emoções e experiências vividas pelo leitor, de acordo com Eisner. As imagens universais, comuns às experiências humanas, devem-se ao crescimento da comunicação dentro de um contexto global. Como os gestos variam de acordo com regiões e culturas, cabe ao leitor aceitar ou rejeitar as referências e os argumentos feitos por cada cartunista. Para demonstrar o uso de imagens como formas de comunicação, Will Eisner determinou três diferentes formas para fazer referência às primeiras imagens utilizadas por seres humanos que são conhecidas como as primeiras formas ou tentativas de formas de comunicação rápidas, assim como as tirinhas, que também possuem características de transmissão ágeis e curtas que abrangem diversas temáticas dentro de pouco espaço.

FIGURA 2



**Figura 2:** Primeiras formas de comunicação escrita. Fonte: EISNER, Will. **Comics & Sequential Art.** Florida: Poorhouse Press, 1985, p. 101

A sequência artística pode ser feita individualmente ou em grupo. Caso seja construída em grupo, uma tirinha pode ter diversos criadores, como um artista para fazer o desenho, outro artista para compor o texto e outro cartunista para finalizar, seja fazendo bordas nos quadros ou adicionando cores. O nosso objeto de estudo, as tirinhas de Laerte, são criações individuais de Laerte, nas quais ela desenha, colore e trabalha com a escrita e estética de toda a sua criação. Essa informação é importante até mesmo para ajudar a responder a pergunta proposta neste trabalho de pesquisa, pois sabendo que Laerte compõe o seu trabalho sozinha, sua criação não terá a interferência de ideias paralelas ao tema que deseja propor em suas tirinhas.

No contexto brasileiro, os anos 60, 70 e 80 foram um importante período para o

crescimento dos quadrinhos. Desde 1837, há registros de publicações de quadrinhos em jornais brasileiros. Manuel de Araújo Porto-Alegre é conhecido como um dos primeiros cartunistas a publicar desenhos que incorporaram sátiras sobre a política no cenário brasileiro. As tirinhas, publicadas geralmente em revistas de quadrinhos, como *Laterna Mágica* e *O Tico-Tico*, alcançaram um grande número de leitores. Porém, foi com o lançamento da revista *O Balão*, lançada em 1970, e abordando temas políticos, que novos leitores foram atraídos. A revista circulou até 1975 e produziu nove edições, tendo Laerte desenhando suas primeiras tirinhas em estilos surrealistas, nas quais ele usou uma mistura de roupas e sapatos e deu vida própria a esses objetos. Juntos, *O Balão* e a revista *O Pasquim*, foram instrumentos relevantes, que tinham como propósito, combater e resistir contra a ditadura militar, que durou de 1964 a 1985, no Brasil.

Nos anos 80, o sucesso editorial do mercado de histórias em quadrinhos cresceu substancialmente, especialmente para o público infantojuvenil. A revista *Circo*, lançada nos anos 80 e *O Bicho*, em 1975, nas quais Laerte era correspondente, publicavam tirinhas políticas. O êxito dessas, entre outras publicações, como o jornal *Ovelha Negra*, deu espaço para o lançamento de uma das revistas mais significantes para o mercado de tirinhas, a revista *Chiclete com Banana*, lançada pela editora Circo, no começo dos anos 80. A popularidade de *Chiclete com Banana* abriu espaço para a publicação de tirinhas em jornais, como a *Folha de São Paulo*. Levando em consideração a popularidade das tirinhas no Brasil, o intuito desta pesquisa é entender a importância das tirinhas como um gênero literário e analisar as tirinhas de Laerte focando em seu personagem Hugo e seu processo de transição em Muriel. O processo de análise das tirinhas permite ao leitor obter conhecimento e entendimento sobre a questão de gênero, porque ao focar no

cotidiano de Muriel, o leitor convive com as dificuldades, preconceitos e discriminações sofridas pela personagem, contadas de uma maneira leve e bem humorada, por Laerte.

## CAPÍTULO 2

### A identidade de gênero

“A razão pela qual eu não exibirei essa foto é que tenho medo de ter mostrado o segredo da minha própria alma” (78).<sup>13</sup> O personagem Basil Hallward, do famoso romance de Oscar Wilde, é o autor do retrato em questão. Hallward desenhou o rosto de Dorian Gray, e por ter inserido elementos de sua própria existência, para Hallward, mostrar o retrato era como expor a si próprio para o mundo. Inconscientemente, Hallward usou a pintura como retrato de seu próprio reflexo, porém apresentando o semblante de Dorian como o indivíduo do retrato.

O quadro pintado por Hallward foi apreciado e a imagem retratada acabou virando o motivo de obsessão de Dorian, tornando-se a obra-prima de Hallward. A analogia do processo de transferência de sua própria essência é o ponto de ligação entre o desenho feito pelo personagem Basil Hallward e as tirinhas feitas por Laerte. Evidentemente esse é um processo demasiadamente complexo pois lida com diversas ligações paralelas, como por exemplo, a relação entre Basil e sua obra, Dorian e seu retrato e Oscar Wilde e os personagens dessa obra em particular. A ligação entre essa obra e a obra de Laerte são essas ligações entre desenho e personagem, criação e criador, que se encontram em um processo transitório que permite um discurso que lida com o movimento de ideias e princípios. Por ser uma teoria muito ampla para discussão, o que será tratado nesse estudo será o uso do desenho, como veículo de conhecimento e que proporciona diálogos através do humor e do tópico controversal.

---

<sup>13</sup> “The reason I will not exhibit this picture is that I am afraid that I have shown the secret of my own soul” (78).

A cartunista Laerte mostra em suas tirinhas o descobrimento de si própria, de uma maneira contínua. Hallward opta por não estampar a representação de sua identidade no canvas e Laerte expressa elementos da sua identidade multifacetada nas tirinhas através do personagem Hugo e de sua identidade feminina. Um ponto em comum entre o romance de Oscar Wilde e as tirinhas de Laerte é a importância da representação artística como elemento de personificação dos personagens dentro do contexto narrativo em transição. Ao contrário de Basil Hallward, Hugo encontrou-se intimamente com suas verdadeiras identidades, ao mesmo tempo em que Laerte descobria a sua própria. Através de Hugo e Muriel, Laerte expressou a sua feminilidade, e Hugo, a criação de Laerte, encontrou a sua identidade feminina ao vestir-se de Muriel, dando então entrada para novas descobertas, tanto do criador, como da criação. Aqui, criador e criação dialogam juntos no processo de escrita, da busca de identidade e no desenvolvimento das tirinhas ao mesmo tempo que debatem com o leitor.

Uma vez que este projeto de pesquisa tem como objetivo analisar as tirinhas de Laerte, para que essa análise literária possa ser feita, devemos saber sobre o contexto social e cultural em que Laerte vive para que possamos analisar suas tirinhas. Este capítulo serve como referência para entendermos a questão de gênero de Laerte e como sua identidade é refletida na identidade de Hugo e Muriel. A pergunta que este projeto propõe é se devemos entender as tirinhas de Laerte como uma forma de combate ao preconceito e discriminação e a favor da igualdade e diversidade no âmbito social no qual vivemos ao mesmo tempo em que divide com o leitor suas experiências pessoais.

Temos que deixar claras duas definições que muitos confundem frequentemente, a orientação sexual é diferente da identidade de gênero do indivíduo. Deve-se entender que

a orientação sexual é o desejo sexual que o indivíduo sente, enquanto que a identidade de gênero é o posicionamento de cada indivíduo em relação aos códigos sociais. A orientação sexual necessariamente não está associada ao gênero no qual o indivíduo se identifica. O gênero, resultado da tradição hetero-normativa é frequentemente associado à categorização identitária, que são categorias oriundas dentro de um contexto social. Os critérios de categorização remetem para os problemas de entendimento sobre o assunto. Existem problemas de própria aceitação dentro desses grupos. O psicanalista Benilton Bezerra Jr. analisa a problematização de categorização desses grupos:

“A questão do preconceito intriga porque esse fenômeno, ou seja, você vê dentro de um grupo que é oprimido, marginalizado, excluído, colocado de uma maneira secundária, e constrói uma identidade positiva. E de repente, no interior desse mesmo movimento, você começa a ver fraturas e distinções. Discussões por exemplo, entre as feministas cis contra as feministas trans por não considerarem exatamente as trans realmente mulheres.” (Programa Café Filosófico, 2016).

Então o que significa a palavra transgênero? Segundo a historiadora e professora de Estudos de Gênero e Sexualidade, Susan Stryker, a palavra “transgênero” é um termo em construção. Stryker refere-se ao termo usado para definir “pessoas que se afastam do gênero que foram designadas no nascimento, pessoas que atravessam (trans-) os limites construídos por sua cultura para definir e conter o gênero” (1).<sup>14</sup>

Suzanne Kessler argumenta em seu artigo “Who Put the ‘Trans’ in Transgender?”, que o prefixo “trans” tem três distintos significados. O primeiro significa

---

<sup>14</sup> “People who move away from the gender they were assigned at birth, people who cross over (trans-) the boundaries constructed by their culture to define and contain their gender” (1).

uma mudança, como na palavra transformação. O segundo abrange o sinônimo, o termo transexual, que expressa o sentido de cruzar alguma coisa, como por exemplo, cruzar os gêneros convencionais, masculino e feminino. Por fim, o terceiro significado denota a palavra *transcutaneous*, que explica a eliminação de gênero. Para Kessler, “em teoria, o transgênero é um desafio para a construção social do gênero. Na prática, geralmente não é. As pessoas transgêneros se colocam fora da dicotomia feminina / masculina convencional, mas vivem em um mundo social que reconhece apenas fêmeas e machos” (223).<sup>15</sup> Embora uma pessoa se afirme como transgênero e viva seu cotidiano com o gênero que reconheça para si, e não com o gênero que foi designado ao nascer, não há necessariamente a instância de cirurgias. Laerte seria um exemplo de uma pessoa transgênero que opta pela não cirurgia, sendo que veste-se como o gênero que se considera, feminino, e prefere não modificar seu corpo. O termo pode ser visto então como uma palavra em construção, assim como Laerte, Hugo e Muriel também dividem essa condição de movimento ao mesmo tempo em que se traçam e se formam.

Quando uma pessoa não se identifica com o gênero que nasceu, ela pode ser diagnosticada com TIG (Transtorno de Identidade de Gênero), e em inglês o termo é referido como GID (Gender Identity Disorder). Nos Estados Unidos, GID é listado como doença patológica e a cirurgia de redesignação não é coberta pelo sistema público de saúde. Enquanto no Brasil, a cirurgia é coberta pelo SUS (Sistema Único de Saúde) desde 2008, embora a espera possa somar de seis a dez anos. Entretanto, existe a possibilidade da cirurgia ser feita por médicos particulares, tanto no Brasil como em outros países,

---

<sup>15</sup> “In theory, transgender is a challenge to the social construction of gender. In practice, it usually is not. Transgender people place themselves outside the conventional female/male dichotomy, yet live in a social world that recognizes only females and males” (223).

como na Espanha, onde em Marbella, existe uma equipe, Facial Team: Facial Feminization Surgery (FFS), especializada em cirurgia de redesignação genital, cirurgia facial e no tratamento de pós-cirurgia.

Pode-se indagar que existe um campo médico específico para o público transgênero, sendo que os procedimentos estão ficando cada vez mais especializados, o que por um lado é um fator positivo. Porém para o público com poder aquisitivo menor, a cirurgia e outros procedimentos são o pior pesadelo para uma pessoa transgênero. A fila de espera e o sistema burocrático são especialmente agravantes para o público trans porque a demora é um componente que afasta o indivíduo da imagem que deseja ter.

Este projeto não visa explorar as imagens dos corpos de transgêneros e nem simplificar o tópico. Não é o objetivo deste estudo reduzir a importância da temática ao resumir os significados de palavras chaves usadas no processo de escrita. Ao mesmo tempo que avançamos nas pesquisas sobre o tópico, notamos que algumas das palavras usadas anteriormente para nos referirmos às pessoas trans e aos procedimentos, já entraram em desuso. Então para evitar narrações estereotipadas e consequentes aborrecimentos, principalmente para as pessoas trans, faremos um diálogo com as tirinhas de Laerte usando teorias que apoiam a liberdade e afirmação de gênero com as quais os indivíduos se identificam. Embora muitos indivíduos trans e estudiosos de sexo e gênero não aprovelem as classificações generalizadas exatamente por permitir espaço para estereótipos, para o propósito deste estudo, serão feitas referências aos termos específicos para referirmos a indivíduos dentro da comunidade trans tentando assim desembaraçar essa temática que é tão confusa para muitos. O termo trans serve como um termo sombrinha, ou seja, engloba todos os indivíduos trans: travestis, transexuais e

transgêneros. Transgêneros podem ou não optar por cirurgia, enquanto que transexuais passam por uma cirurgia ou pelo menos cogitam a possibilidade de fazer um procedimento cirúrgico. Travesti não necessariamente tem interesse em fazer cirurgia; a pessoa travesti usa as roupas e acessórios de modo temporário, ou permanente em alguns casos, enquanto transgêneros adotam o modo de vestir-se de uma forma completa. Vale ressaltar que esses termos variam de acordo com regiões, podendo haver um entrelaçamento entre eles. Alguns indivíduos têm percepções diferentes quanto aos termos e que pessoas dentro da comunidade trans podem ver esses termos de forma diferente. Laerte e Hugo encontram-se em processo de transição, pois já passaram por etapas, por exemplo, começam identificando-se como *crossdressers*, depois travesti e por fim, transgêneros.

Culturalmente, a figura do transgênero ganhou espaço e visibilidade. O filme chileno *A Fantastic Woman* (Dir. Sebastián Lelio, 2017) apresenta a narrativa de Marina Vidal, uma cantora transgênero que sofre discriminação depois da morte de seu companheiro. A atriz que interpreta a personagem é Daniela Veja, atriz transgênero que ajudou na construção do papel. O filme foi premiado com um *Silver Bear and Teddy Award* e um *Oscar* de melhor filme estrangeiro em 2018, o que abriu mais espaço para discussão em torno de identidade de gênero. O seriado *Transparent* (Prod. Jill Soloway), um produto do canal Amazon Studios e possui quatro temporadas nos Estados Unidos. Tendo sido premiado em diversas categorias do Golden Globe, conta a história do professor aposentado, Morton, que lida com o processo de transição total para o gênero feminino. Morton imerge-se em sua identidade feminina e começa a usar o nome de Maura.

No cenário brasileiro, a figura do transgênero ganhou espaço na novela *A Força do Querer*, escrita por Glória Perez e exibida na Rede Globo em 2017. A novela pode ser considerada um marco importante para a narrativa brasileira pois deu espaço para a discussão sobre identidade de gêneros. Na novela, a personagem Ivana enfrenta seus anseios e conta com o apoio familiar para fazer a cirurgia de redesignação sexual e assim, retira as mamas. Ivana então começa a viver sua nova identidade passando a chamar-se Ivan. A novela é a primeira no Brasil, a mostrar o processo de transição vivido por um personagem transgênero.

Entretanto, no âmbito teatral, o autor e ator Silvero Pereira dá voz e interpretação aos relatos e depoimentos que colheu em suas viagens pelo Rio Grande do Sul e Ceará. Pereira também fez parte do elenco da novela *A Força do Querer*, interpretando o motorista Nonato e a performista Elis Miranda. Na peça *BR Trans*, Pereira conta as histórias de travestis, transformistas e transexuais. As narrativas retratam episódios de auto identificação, medos, angústias, violência, limitações e coragem com doses de humor e poesia. A coleção de pesquisas, conversas e entrevistas trabalha pela inclusão das personagens ao mesmo tempo que destrói estereótipos. O trabalho recebeu o prêmio Aplauso Brasil em 2015, nas categorias Ator, Espetáculo e Dramaturgia e foi apresentada no *XXX Internacional Hispanic Theatre Festival of Miami* e no *Brazil Festival*, in Dresden, na Alemanha. A peça serviu como inspiração para um projeto sob a direção de Alberto Tibaji usando depoimentos de indivíduos que pertencem ou se identificam com o público LGBT em Athens, GA, algumas cidades do Brasil e outras na Colômbia. A peça *Always /K/new* (Dir. Alberto Tibaji) teve a coordenação dos professores George Contini e Robert Moser, da *University of Georgia*.

Debruçando na literatura brasileira a fim de encontrar um personagem transgênero, notei uma lacuna nesse sentido. Contudo, a figura do travesti está presente em contos e romances. A biografia e a literatura infantil são dois gêneros importantes dentro da literatura brasileira, por darem espaço a personagens trans. Dentro da literatura infantil, encontramos o livro *O Espelho de João*, de Ramon de Souza. Publicado em 2017, o livro conta a história de João, um menino de doze anos de idade, que vivia com seus pais em um ambiente familiar harmonioso. Ao olhar-se no espelho, João via uma menina. Ao contar seus anseios a um de seus amigos, João foi caçoado e ao dividir com seu pai suas aflições, foi castigado e repreendido. Entretanto, sua mãe o apoia e João aprende a aceitar-se da maneira como se sente, e assim passa pelo processo de transição, vivendo como uma menina. Esse livro é um exemplo positivo que emprega a aceitação e respeito apresentado desde cedo à crianças.

É crescente o número de publicações bibliográficas, uma em especial é importante para entender o contexto social e a realidade de um indivíduo transgênero. João W. Nery relata em sua autobiografia, *Viagem Solitária*, os obstáculos que enfrentou durante seu processo de transição, humilhações, preconceitos, cassação de seu diploma de Psicologia, seu percurso de cirurgias e confidências pessoais.

Depois de passar por esses apontamentos culturais e sabendo que a figura do transgênero está presente na literatura, em filmes, novelas, peças de teatro e seriados podemos então considerar que a exposição de personagens transgêneros é um fator positivo? Existem opiniões distintas que argumentam que é sim uma exposição positiva e propicia na quebra do preconceito, enquanto que outros ponderam que é uma projeção perigosa. A escritora e ativista americana Jen Richards, também atriz e produtora, atenta

as duas posições da visibilidade trans em seu artigo “What Trans Movement”? na revista bimestral *The Advocate*. Ela reflete sobre histórias reais e fictícias do cotidiano americano, porém com argumentações que abragem pessoas trans mundialmente. Richards pondera que “não há uma solução simples para esses problemas. E esse não é o ponto da questão. O apoio real às pessoas trans exigirá educação e paciência. Isso exigirá um esforço para nos conhecer e conhecer nossos problemas bem o suficiente para tomar decisões informadas” (41).<sup>16</sup> Depois de refletir sobre a existência de um possível movimento trans, Richards argumenta que “não há um movimento trans, ou uma comunidade trans, mas sim múltiplos movimentos e comunidades, divididos não apenas pela raça e classe, mas também por histórias, líderes, recursos e necessidades distintas. Há, claro, alguns objetivos, desafios e vitórias compartilhados por todos” (38).<sup>17</sup>

Assim como a revista *The Advocate*, a revista brasileira *Veja* também dedica reportagens esclarecendo conceitos sobre as pessoas trans. Uma delas, intitulada “A saga de ter um filho transgênero”, aborda o cotidiano de famílias que lidam com preconceito e aceitação em relação à inclusão de filhos e netos na sociedade brasileira. Vidale aponta para a importância da população trans no Brasil: “os transgêneros fazem parte do cotidiano brasileiro, e já não se pode fingir que não existem sob o pretexto de que não combinam com o padrão tradicional. E são muitos – 0,5% da população. No Brasil, isso corresponde a cerca de 1 milhão de pessoas. No mundo, são 35 milhões, o que equivale à

---

<sup>16</sup> “There is no simple solution to these issues. Which isn’t the point. Truly supporting trans people will require education and patience. It will require an effort to know us and our issues well enough to make informed decisions” (41).

<sup>17</sup> “There isn’t a trans movement, or a trans community, but rather multiple movements and communities, divided not only by race and class but also distinct histories, leaders, resources, and needs. There are of course some goals, challenges, and victories shared by all” (38).

população de um país como o Canadá” (77). A reportagem da *Veja* informa alguns dados importantes, como os números de cirurgias feitas pelo SUS, que no período de 2008 a 2017, somam 400 procedimentos. Esses números, no Brasil, refletem a transição correspondente a “um em cada 15,000 meninos faz a transição para menina. Uma em cada 40,000 meninas agora é menino” (82).

Vidale aponta para uma perspectiva positiva de aceitação e associa o preconceito com a falta de informação: “a condição é tecnicamente definida como ‘disforia de gênero’. Trata-se do desconforto, do descompasso, permanente e completo, entre o sexo biológico e a identidade de gênero. Na idade adulta, pode resultar em isolamento social. Na infância, pode ser ainda mais dramático, se não for bem compreendido” (77).

No Brasil há um contexto diverso que ao mesmo tempo integra e exclui a população LGBTQI. Por exemplo, no dia primeiro de março de 2018, foi aprovado pelo Supremo Tribunal Federal, com votação de nove votos contra um, a decisão de declarar inconstitucional a necessidade de transgenitalização. Em resumo, a partir desse dia, segundo a notificação oficial do STF, fica dispensada a necessidade de cirurgia para a realização de retificação de nome civil, bastando somente a vontade do indivíduo em trocar o nome nos documentos oficiais. Essa é uma vitória para a população trans, entretanto ainda existem muitos obstáculos a serem alcançados. Em um relatório escrito para a CNN, a jornalista Marília Brocchetto, observa os casos de violência em uma contextualização na América Latina. Segundo o relatório, na América Latina, quase 600 pessoas morreram em consequência de ataques homofóbicos entre janeiro de 2013 e março de 2014. A figura a seguir nos ajuda a visualizar os dados:

**FIGURA 3**



**Figura 3:** Explicação sobre o posicionamento referente à aceitação aos indivíduos LGBT no território da América Latina. Fonte: CNN: <https://www.cnn.com/2017/02/26/americas/lgbt-rights-in-the-americas/index.html> Data: 03 Março 2017

Na Bolívia, por exemplo, as pessoas podem trocar o nome no registro civil mas o país não aceita casamentos entre pessoas do mesmo sexo. A Venezuela não oferece nenhum tipo de proteção ou lei que dê assistência a pessoas trans. Susan Stryker aponta para os números de casos de violências nos Estados Unidos: “pessoas transgêneros, como um todo, vivenciam uma das maiores taxas de violência e assassinato nos Estados Unidos” (142).<sup>18</sup> No Brasil, os casos de violência são alarmantes. Segundo o jornal *O Estadão*, em um artigo publicado um dia antes do Dia da Visibilidade Trans, celebrado no dia 29 de janeiro, o número de casos de assassinatos de pessoas trans é o maior em dez anos. Os dados apontam que “em números absolutos, o estado de Minas Gerais registrou

<sup>18</sup> “Transgender people, as a group, experience one of the highest rates of violence and murder in the United States” (142).

a maior incidência de assassinatos, com 20 casos. Em segundo lugar, ficou a Bahia, com 17 homicídios e, em terceiro, São Paulo e Ceará, com 16 mortes.”

O escritor Hélio Silva analisa em um estudo intitulado *Travesti, a Invenção do Feminino*, que a figura do travesti, assim com também transexuais e outros membros da comunidade LGBTQI, sofre com preconceito e a transfobia por consequência do medo da própria sociedade. Jossianna Arroyo, reflete sobre os apontamentos de Hélio Silva em seu livro *Travestismos Culturales* e argumenta que “embora para Silva não exista um "ethos" nacional que abrande a violência (...), mas a violência atravessa todos os discursos da ordem social, o texto torna o corpo o lugar para entender a "violência" da transformação. Assim, o travesti é uma figura representativa das transformações subjetivas e socioculturais do Brasil” (238).<sup>19</sup>

Ainda que a figura à qual Silva e Arroyo se referem em seus estudos seja uma visão negativa vítima de atos homofóbicos, vale ressaltar que atualmente existem muitos grupos sociais e políticos que trabalham em projetos de inclusão para pessoas trans, – onde também são incluídos travestis, transexuais, transgêneros e quem não se identificam com nenhum gênero. Como os dados estão em constante mudança e atualização, é possível que este projeto de estudo esteja defasado ao ser publicado, o que é um fator positivo, pois novos projetos podem ter sido criados depois da publicação deste estudo. Como exemplo recente, a Associação Brasileira de Transgêneros, co-fundada por Laerte, que tem como objetivo mobilizar a população visando a aceitação e respeito em relação a

---

<sup>19</sup> “Aunque para Silva no existe un ‘ethos’ nacional que apacigue la violencia (...) sino que la violencia cruza todos los discursos del orden social, el texto hace del cuerpo el lugar para entender la ‘violencia’ de la transformación. Así, el travesti es una figura representativa de las transformaciones subjetivas y socio-culturales de Brasil” (238).

peças trans e explica que ser trans é uma condição humana que já existia em outros povos e outras culturas, incluindo povos pré-históricos e que continua a ser pouco compreendida e pouco estudada. Um dos procedimentos da associação inclui a realização do projeto Trans Empregos, no qual empresas anunciam vagas que ajudem na inclusão de pessoas trans. A iniciativa conta com o apoio da Prefeitura Municipal de São Paulo, sob o Projeto Reinserção Social Transcidadania.

Agora que estudamos os conceitos, dificuldades e vitórias que fazem parte do histórico e do cotidiano de pessoas trans, podemos estabelecer um diálogo com as tirinhas de Laerte e as teorias literárias referentes aos estudos de tirinhas e gênero. As análises se darão no capítulo a seguir e para começar, temos um exemplo de uma tirinha de Muriel, que mesmo indignada em relação à situação de preconceito e ódio contra pessoas que se tentam viver livres de categorização de gêneros, ainda sim, não cogita viver de outra maneira. Nesta tirinha, a personagem Muriel “morre” e recebe a oferta de reencarnação, porém só tem duas escolhas, reencarnar como menino ou menina e Muriel, de forma espontânea questiona: “só tem isso?” Mesmo sabendo dos preconceitos e dificuldades, Muriel pondera sobre a existência de um terceiro sexo, pois evita a escolha binária de gêneros. Notamos que essa tirinha carrega o peso de uma mobilização de direitos e desejos, de personagens como Muriel, que devem ser donas de suas próprias escolhas.

FIGURA 4



Figura 4: Menino ou menina? Muriel Total <http://murieltotal.zip.net/> Data: 20 Março 2011 a 26 Março 2011

## CAPÍTULO 3

### Hugo e Muriel

"Ninguém nasceu, mas se torna, uma mulher " <sup>20</sup>

Simone de Beauvoir

Todo indivíduo tem uma percepção diferente de como se sente e de como se mostra em uma determinada sociedade, ou seja, sua identidade é percebida de maneira singular e que seja mais confortável e apropriada distintivamente. Embora a sociedade exija uma categorização de códigos, é particularmente complexo padronizar a questão da identidade de gênero. O propósito deste estudo não é de forma alguma simplificar a questão de gênero. Entretanto, especificamente para o diálogo entre as tirinhas de Laerte, as referências feitas serão as de identidades femininas que englobam tanto o sentir-se mulher, como nascer com identidade feminina ou descobrir-se fazendo parte de uma identidade transgênero.

O psiquiatra brasileiro Giancarlo Spizzirri explica que o gênero é multifacetado, e dentro da classificação internacional das doenças, o indivíduo que não se enquadra na classificação binária de gêneros, é classificado como pessoa transgênero e tem portanto um transtorno de identidade sexual. A pessoa transgênero então é classificada em quatro

---

<sup>20</sup> "One is not born, but rather becomes, a woman" (Simone de Beauvoir, *The Second Sex* (New York: Vintage Books, 1973), 301. Henceforth.

dimensões: transexualismo, travestismo bivalente, transtorno de identidade na infância e por fim, outros transtornos, onde são enquadrados os indivíduos que não se identificam com as outras três categorias citadas. Em palestra, o psiquiatra apresentou teorias com base científica, usando a terminologia de categorização de doenças dentro do Código Internacional de Doenças (CID10). Ele também explicou temas usados pelo Dicionário de Saúde Mental (DSM), que agrupa de forma diferente a questão de gênero, referindo-se ao transtorno de identidade de gênero em duas categorias essenciais, o transtorno de identidade de gênero na infância e o transtorno de identidade de gênero adulto.

A transexualidade tem sido amplamente discutida e ainda há dúvidas de como seria correta a denominação dos termos específicos, pois teóricos, estudiosos no assunto e as próprias pessoas transgênero, se posicionam de maneiras distintas. De fato, discute-se a importância da despatologização e que assim, a transexualidade deixe de ser tratada como um transtorno mental. A luta das pessoas transgênero vai além da luta contra o termo médico que as condicionam à patologia. Existe todo um combate contra preconceito, injustiças sociais, violência, estereótipos e falta de apoio e respeito familiar e social. As tirinhas aqui apresentadas formam um diálogo com os textos e desenhos mais amplos de Laerte para que sejam feitas análises de seu processo criativo como cartunista. Esta análise tenta identificar como as tirinhas de Laerte, em especial as de Hugo e Muriel, podem ser vistas como uma forma de auto entedimento por parte da cartunista, que ao mesmo tempo que aprende as questões de gênero, usa nas tirinhas seu conhecimento e de forma espontânea, ensina o leitor, de maneira didática e humorística, a aprender com ela sobre o significado de ser transgênero. A maneira como Laerte relata ao leitor sobre seus

descobrimientos, é também uma forma de ensinar o público a geral a ter mais tolerância e possivelmente abrir espaço para diálogos sobre respeito e aceitação.

Laerte publicou no jornal *Folha de São Paulo* e em sua página *Muriel Total* uma tirinha que faz referência à categorização do transtorno de identidade de gênero como patologia (FIGURA 5). Na tirinha, Beth, a então namorada de Hugo conversa com ele em uma loja de roupas sobre a qualificação patológica. Beth diz: “É, Hugo, segundo o manual de psicologia, homem que se veste de mulher não passa de um tremendo neurótico”. Hugo então recebe o manual de Beth e apanha um comentário negativo e desaprovador da então namorada: “Tó! ... Esse livro pode ser muito útil para você nessa sua fase ridícula”. Beth acredita que Hugo esteja passando por uma fase ao vestir-se com roupas consideradas femininas, ou seja, “roupas de mulher”.

Nessa tirinha, Hugo usa uma peruca vermelha (ou colore o cabelo na cor vermelha) e usa um vestido laranja. Ao deparar-se com o julgamento de Beth, Hugo usa o livro como apoio para a sua cabeça, para assim ter uma posição ereta, como a de uma modelo desfilando em uma passarela. A atitude de Hugo, ao desfilando com o livro, pode ser uma possível resposta de Laerte contra a qualificação patológica. A importância dessa tirinha é um confronto entre a identidade de Hugo, descobrindo-se em um gênero com o qual se identifica e recusando os termos dados, especialmente os que se referem à sua faculdade mental e à categorização que tem como propósito enquadrar as pessoas trans de maneira estereotipada. Ele usa o livro como apoio para andar elegantemente, representação de que ele prefere continuar vestido com roupas ditas femininas evitando levar os termos médicos em consideração, sendo que Hugo sequer abre o livro. É possível fazer uma análise sobre o equilíbrio que Hugo, possivelmente Laerte, demonstra nessa

tirinha. O equilíbrio tanto físico, com o livro na cabeça, como mental, estando seguro sobre sua atitude, é reforçada no último quadro, quando Hugo demonstra seu equilíbrio ao ignorar a opinião de Beth.

**FIGURA 5**



**Figura 5:** Beth conversa com Hugo sobre o Manual de Psicologia: Muriel Total <http://murieltotal.zip.net/> Data: 13 Março 2009 a 02 Março 2009

O personagem Hugo Baracchini foi criado para o caderno de informática da *Folha de São Paulo* em 1995. Naquela época, Hugo era um jovem aventureiro viciado em tecnologia. Hugo acessava muitos sites pornográficos, fato que o deixava em situações engraçadas e constrangedoras com a namorada Beth. Por causa de seu vício com computadores, Hugo vivia momentos econômicos delicados, gerando acontecimentos em seu dia-a-dia que vão do absurdo à mera rotina exemplificando a falta de dinheiro, dramas corriqueiros iguais aos de qualquer indivíduo que se identificasse com ele, um jovem espontâneo e simples.

Nas tirinhas de Hugo e Muriel, existe um grande número de imagens associadas ao espelho. Analisando o livro *Hugo para principiantes*, lançado em 2005 e observando o objeto do espelho, nota-se uma ausência do item nas primeiras quarenta páginas, quando

ele ainda se identificava com o gênero masculino. A primeira vez em que aparece um espelho na narrativa é também a primeira vez que Hugo se veste de mulher, para fugir da Máfia, para quem Hugo deve dinheiro. Podemos argumentar que antes o espelho não tinha importância no cotidiano de Hugo e quando a persona de Muriel foi integrada em sua rotina, o espelho marca a sua emergência (FIGURA 6).

Na tirinha, Beth se espanta com Hugo trajando um vestido preto; suas feições são cômicas, como se estivesse prestes a rir da situação de Hugo e em seguida, passam a ser de espanto. Ele explica à sua namorada Beth que está usando um disfarce para escapar da máfia e que prefere vestir-se de mulher do que arriscar a sua vida. No terceiro e último bloco, já com Beth aterrorizada e observando Hugo maquiar-se em frente a um espelho, a tirinha deixa a entender um sentido duplo na vida de Hugo. Ele usa o vestido como forma refúgio, entretanto, sente-se confortável com o papel feminino. Hugo responde: “jovem, cheia de vida, na flor dos meus encantos!”

Hugo, ao deparar-se com uma situação de risco, fugindo de credores, se mantém confortável usando o vestido preto. Maquiando-se, usa o pronome feminino para descrever-se, relatando-se “cheia de vida”, ou seja, fazendo uma imersão completa na nova identidade feminina. Pode-se fazer uma conexão com a epígrafe de Simone de Beauvoir para este capítulo, pois mesmo tendo sido como uma forma de fuga, Hugo “tornou-se mulher” para adquirir uma nova identidade. Obviamente, essa é uma interpretação simplória que une a frase de Beauvoir com o gênero em que Hugo vai se descobrir ao longo de sua narrativa.

Judith Butler explica a questão: “O gênero deve ser compreendido como uma modalidade de assumir ou realizar possibilidades, um processo de interpretação do corpo,

dando-lhe forma cultural” (36)<sup>21</sup>. Butler faz um estudo onde aplica o postulado de Simone de Beauvoir e o examina, dando ênfase ao verbo tornar, no sentido de tornar-se uma mulher no que poderia ter sido o entendimento da autora em relação ao gênero. Butler enuncia que “em outras palavras, ser mulher é tornar-se uma mulher; não se trata de concordar com um estatuto ontológico fixo, caso em que poderia nascer uma mulher, mas sim um processo ativo de apropriação, interpretação e reinterpretação das possibilidades culturais recebidas” (36).<sup>22</sup>

### FIGURA 6



**Figura 6:** Hugo usa um vestido de mulher para esconder-se da máfia. Fonte: COUTINHO, Laerte. **Hugo para principiantes**. São Paulo: Devir, 2005, p.41

Na FIGURA 7, para esquivar-se da máfia, Hugo continua vestindo o vestido preto como parte do seu cotidiano, até que Beth diz a ele: “o gorila da máfia foi embora! Você não precisa mais andar por aí com esse vestido”. Hugo responde: “ah que ótimo”, como se estivesse muito feliz pelo fato de não ter o credor procurando por ele. Entretanto, não

<sup>21</sup> “Gender must be understood as a modality of taking on or realizing possibilities, a process of interpreting the body, giving it cultural form” (36).

<sup>22</sup> “In other words, to be a woman is to become a woman; it is not a matter of acquiescing to a fixed ontological status, in which case one could be born a woman, but, rather, an active process of appropriating, interpreting, and reinterpreting received cultural possibilities” (36).

interrompe a sua leitura do que parece ser uma revista de moda e revela a Beth que precisa de outro vestido, pois: “pretinho básico já deu – Quero mais cor, mais babado, mais ousadia”. Hugo reforça a sua posição quanto à sua identidade feminina, mesmo que seja para enganar a máfia. O que era temporário passa a ser configurado em seu dia-a-dia. Laerte dedica uma página do livro *Hugo para principiantes* a essa maneira de como Hugo se apegue às roupas ditas femininas e incorpore em sua rotina a ponto de escolher novos modelos, e parece não se importar se sua aparência é temporária ou de longo prazo.

**FIGURA 7**



**Figura 7:** Hugo procura vestidos novos para continuar escondendo-se da máfia. Fonte: COUTINHO, Laerte. *Hugo para principiantes*. São Paulo: Devir, 2005, p.42

As figuras sete, oito, nove e onze estruturam uma forma de sequência na vida de Hugo. Na FIGURA 7, Hugo não dá importância ao fato de Beth informá-lo que o gorila da máfia foi embora. Até aqui, percebe-se a preocupação de Hugo com sua segurança e sua cautela quando prefere continuar usando vestidos para parecer outra pessoa. Na FIGURA 8, nota-se Hugo portando-se de maneira natural e confortável caminhando nos primeiros quadros dessa tirinha. No último quadro, onde há o único diálogo da tirinha,

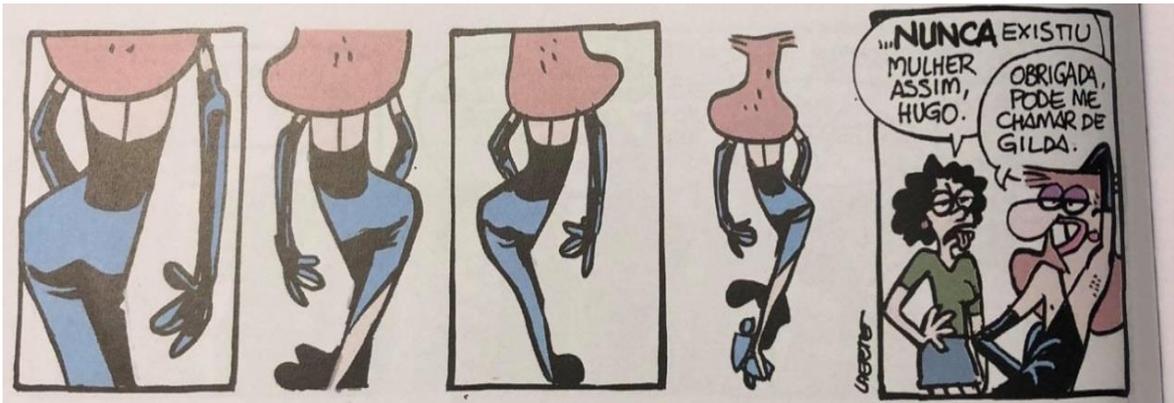
Beth demonstra relutância e um pouco de ressentimento pelo fato de Hugo insistir no disfarce de mulher. Beth diz a Hugo que: “**nunca** existiu mulher assim”. É como se Beth, inconscientemente insinuasse que Hugo estivesse criando uma nova identidade, uma mulher, e que essa nova figura feminina não existe, não é possível. Pode-se argumentar que Beth, ao ver Hugo criando uma nova identidade, tenta estagnar o processo de criação. Mesmo que seja uma simulação, Beth explica que Hugo necessita entender que essa nova figura não é viável para a sociedade e que esse modelo de mulher não existe nos padrões considerados normais.

O modo como Hugo caminha nos primeiros quadros da tirinha fazem alusão à personagem Gilda, interpretada pela atriz norte-americana Rita Hayworth no filme *Gilda* (Dir. Charles Vidor, 1946). Hugo responde, exaltadamente: “Obrigada, pode me chamar de Gilda”. O leitor, seguindo essa narração e a linha cronológica das tirinhas percebe que Hugo não somente usa o disfarce para fugir da máfia, como gosta da sua nova identidade, dando-lhe agora um nome próprio: Gilda. Pode-se indagar que existe uma afinidade entre a persona de Hugo e a de Gilda, a personagem que criou como instrumento de partida temporária do seu cotidiano. Vale ressaltar que Laerte, ao entrar para um grupo de *crossdressers*, assumiu o nome de Sônia, para depois, “assumir-se” como a Laerte, no feminino. Existe uma possível relação entre Hugo-Gilda-Muriel e Laerte-Sônia-Laerte, na escolha de nomes diferentes e na reafirmação de sua identidade.

Segundo os apontamentos de Massaud Moisés em seu livro *A criação literária*, no qual analisa, entre outros tópicos, a função do diálogo na literatura, estudamos seus argumentos referentes aos três tipos de diálogos em narração literária, quais sejam o direto, indireto e o monólogo. Aplicando os conceitos de Moisés nas tirinhas de Laerte,

constata-se que estas possuem diálogos diretos predominantemente. Segundo Moisés, “a narração dá-se de pronto entre o leitor e a narrativa” (117). Portanto, o leitor acompanha a trajetória de Hugo por meio de seus diálogos com Beth. Os diálogos encontrados nas tirinhas de Laerte, em especial nas tirinhas de Hugo e Muriel, servem como exemplos de falas curtas, porém com sentido amplo. Ao dizer que Beth pode referir-se a ele como Gilda, o diálogo entre Hugo e Beth tem mais conteúdo do que uma simples escolha de nome. Em adição, há uma afirmação de identidade, mesmo que inconscientemente por parte de Hugo, que deixa o leitor a imaginar se o fingimento tomará mais tempo ou se trata de um breve refúgio de personificação.

#### FIGURA 8



**Figura 8:** Hugo refere-se a si próprio como Gilda. Fonte: COUTINHO, Laerte. **Hugo para principiantes.** São Paulo: Devir, 2005, p.42

Na FIGURA 9, Laerte volta a apresentar Hugo em frente ao espelho. O espelho pode ser considerado nessa tirinha como a afirmação da nova identidade de Hugo, pois é em frente a ele, que Hugo enfatiza a importância de sua prudência em relação à sua segurança. Porém o leitor que acompanha o refúgio de Hugo, sabe que ele está de certa maneira, gostando do ato de vestir-se e maquiarse. Nota-se uma ênfase na palavra

“nunca” quando ele afirma que “nunca se sabe” se a máfia irá voltar a procurá-lo ou não. Neste momento, Hugo já sabe usar maquiagem e está confiante em usar o rímel, aplicando-o mesmo ouvindo de Beth: “o cara da máfia foi embora”. Beth pressiona para que Hugo pare de usar essa aparência de fachada, mas ele responde reafirmando sua identidade feminina e solicitando ajuda com a maquiagem ao pedir a ela que pegue o rímel não dando atenção à notícia da partida do mafioso. O fato de fugir ou enfrentar a morte, pode ter sido o que desencadeou em Hugo a vontade de viver intensamente da maneira mais confortável para ele.

Por outro lado, Beth demonstra irritação ao perceber a insistência de Hugo enquanto ele ignora a notícia da partida do mafioso. Hugo encerra o diálogo ao reaplicar o rímel e reiteira sua ponderação ao enunciar: “Olha Beth, nunca se sabe”. Hugo agora não apenas veste-se de mulher com o propósito de se esconder. Ele toma para si a sensualidade ao caminhar como Gilda e a tomar o nome para si próprio. Curiosamente, Hugo aposta na sexualidade de seu corpo e adornos para enfeitar-se. Michel Foucault explica em *The History of Sexuality* que “a sexualidade foi definida como sendo ‘por natureza’: um domínio suscetível a processos patológicos e, portanto, um que requer intervenções terapêuticas ou normalizadoras; um campo de significados para decifrar; o local dos processos ocultos por mecanismos específicos” (68)<sup>23</sup>. Por conseguinte, Hugo descobre sua sexualidade ao vestir-se e maquiar-se, em um processo lento e despretensioso. O mecanismo teorizado por Foucault é utilizado por Hugo com uma

---

<sup>23</sup> “Sexuality was defined as being ‘by nature’: a domain susceptible to pathological processes, and hence one calling for therapeutic or normalizing interventions; a field of meanings to decipher; the site of processes concealed by specific mechanisms” (68).



Hugo justifica-se internamente, em forma de pensamento, que fez sexo com o homem porque já estava “programado” para fazê-lo.

A seguir, quando o funcionário se despede, ele diz a Hugo para chamá-lo caso necessite de ajuda com o computador. Então, Hugo derruba o computador propositalmente para ter que chamar novamente o funcionário. Entende-se que não foi o fato de estar “programado” a ter sexo que motivou Hugo a relacionar-se com o funcionário e aqui, o leitor compreende que Hugo assume-se bissexual. Foucault clarifica que em uma sociedade, “o sexo é ordenado pelo poder em um sistema binário: lícito e ilícito, permitido e proibido” (83)<sup>24</sup>. Hugo contraria o sistema binário ao situar-se como bissexual, porém sua bissexualidade é tratada nas tirinhas de uma maneira tênue e natural, pois Laerte não foca a atenção nas escolhas sexuais feitas por Hugo, e sim em seu cotidiano que por ventura inclui seus parceiros sexuais. Tendo em vista que a sexualidade de Hugo é revelada, o leitor tem um entedimento melhor sobre o que ocorre na última sequência do esconderijo de Hugo.

---

<sup>24</sup> “Sex is placed by power in a binary system: licit and illicit, permitted and forbidden” (83).

FIGURA 10



**Figura 10:** Hugo se sente atraído pelo funcionário da assistência técnica. Fonte: COUTINHO, Laerte. **Hugo para principiantes.** São Paulo: Devir, 2005, p.26

Finalmente, a fuga de Hugo chega ao fim, e nas duas últimas tiras da sequência é revelada a chegada do mafioso (FIGURA 11). Hugo a princípio se mostra exasperado ao explicar a Beth que ele apenas havia se vestido de mulher para: “fugir da máfia – agora que ele foi embora, posso ...”, e ao tirar os brincos, ele nota a presença do mafioso que chega cautelosamente e diz: “oi, eu voltei”.

Na introdução da tirinha, o leitor percebe um certo alívio de Hugo ao despir-se de sua persona Gilda. Porém, quando o mafioso causa medo e inquietação, Hugo o beija subitamente. Hugo se surpreende e os traços de seu rosto revelam medo e surpresa. Assim como o mafioso, Hugo demonstra um certo choque com o beijo e deixa o leitor também surpreso. Em seguida, o mafioso vai embora e desiste da perseguição pelo fato de não

querer ser beijado por um homem. Ao contrário de demonstrar alívio, Hugo sente a partida do mafioso e grita “escreva”. O beijo não é mais uma reflexão de arrependimento de Hugo. Ao contrário, o beijo mesmo tendo sido um ato de impulso, poderia ter sido repetido. Hugo estaria descobrindo-se gay? A escritora Annamarie Jagose argumenta em seu livro *Queer Theory* que:

“o que constitui a homossexualidade pode ser entendido em termos da negociação entre as chamadas posições essencialistas e construcionistas. Enquanto os essencialistas consideram a identidade como natural, fixa e inata, os construtivistas assumem que a identidade é fluida, o efeito do condicionamento social e os modelos culturais disponíveis para se compreender” (8).<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> “What constitutes homosexuality can be understood in terms of the negotiation between so-called essentialist and constructionist positions. Whereas essentialists regard identity as natural, fixed and innate, constructionists assume identity is fluid, the effect of social conditioning and available cultural models for understanding oneself” (8).

FIGURA 11



**Figura 11:** Mafioso encontra Hugo, que o recebe com um beijo. Fonte: COUTINHO, Laerte. **Hugo para principiantes.** São Paulo: Devir, 2005, p.42

No livro *Hugo para principiantes*, depois da cena com o mafioso, Hugo retorna à sua rotina com jogos de computadores, as conversas com a namorada Beth e problemas exageradamente narrados com humor e relatos corriqueiros. A próxima vez em que Hugo veste um vestido aparece poucas páginas depois, novamente em frente ao espelho (FIGURA 12). O espelho mais uma vez, serve como referência a uma nova identidade, pois é vendo a sua reflexão que Hugo explora novas roupas e de certa forma, uma nova identidade.

Vaidoso, Hugo escolhe uma cinta para deixar a barriga esbelta, fazendo referência a uma cinta clássica tradicional usada inicialmente nos tempos coloniais no Brasil. Hugo veste o espartilho, e depois de muito esforço, demonstra satisfação com o resultado. Essa tirinha em particular não possui diálogo, mas apresenta um narrador que revela o

propósito da roupa de Hugo. No final da tirinha, Hugo está vestido em um modelo verde e vermelho que faz luz a um vestido tradicional.

Ao conectar as tirinhas de Laerte com a representatividade do espelho na obra de Oscar Wilde, relação sugerida para suscitar a reflexão neste projeto de pesquisa, *The Picture of de Dorian Gray*, percebem-se similaridades entre os dois trabalhos. Foi olhando para sua reflexão retratada no canvas que Dorian reconheceu a sua beleza. Podemos então ponderar que Hugo enxerga no espelho a sua beleza feminina e admira uma nova forma de se mostrar ao mundo, vislumbrando uma nova possibilidade, contemplando-a enquanto observa a sua reflexão no espelho.

A FIGURA 12 é a última tirinha onde Hugo se veste com roupas femininas e é a última onde ele usa um espelho no livro *Hugo para Principiantes*. As próximas vezes em que Hugo se veste novamente com roupas femininas e, por fim, dá início a seu processo de incorporação de sua persona Muriel serão nas páginas do jornal *Folha de São Paulo* e na página virtual *Muriel Total*, onde Laerte cria um blog com acervos das tirinhas de Muriel que haviam sido publicadas no jornal e outras inéditas criadas esporadicamente e adicionadas ao blog virtual.

**FIGURA 12**



**Figura 12:** Hugo veste uma cinta de vestido para deixar a barriga mais esbelta. Fonte: COUTINHO, Laerte. **Hugo para principiantes**. São Paulo: Devir, 2005, p.49

As tirinhas estudadas para este projeto foram retiradas da página virtual *Muriel Total*, originalmente publicadas entre 2009 e 2014. Em 2014, Laerte explica na página *Muriel Total* que o *Jornal Folha de São Paulo* deixará de publicar as tirinhas de Muriel, passando a investir em outras tirinhas e diversos trabalhos. Porém para o foco desta pesquisa, a análise será feita no corpus publicado na página virtual de *Muriel Total*.

Em 2004, Laerte publicou no jornal *Folha de São Paulo* uma tirinha onde Hugo se arruma propositalmente, dessa vez sem a necessidade de fugir da máfia, usa maquiagem, depila as pernas, coloca uma peruca lilás e “se monta” para sair às ruas com um vestido longo lilás e salto alto. Essa tirinha chamou a atenção de uma amiga de Laerte, participante de um grupo de *crossdressers*. A amiga Paula convidou Laerte a participar do grupo porque porventura a vontade de Hugo sair às ruas poderia ser um desejo recôndito de Laerte: “Escuta, está evidente demais. Sua anáguas está aparecendo. Seu desejo está aparecendo”, disse a amiga a Laerte. Na tirinha, Hugo se olha no espelho

e cria uma nova identidade. Existe uma possível ligação entre a última vez que Hugo se olhou no espelho, pensativo e concentrado, ao vestir o espartilho e usar o vestido tradicional (FIGURA 12), olhando-se novamente mais tarde já com ações decisivas, segurando um batom e firme em seus interesses (FIGURA 13). No último quadro da tirinha (FIGURA 13), Hugo explica ao leitor: “Às vezes um cara tem que se montar, ué”. As duas tirinhas (FIGURAS 12 e 13), são uma representação plausível da hesitação e da afirmação de Hugo no tocante ao começo do processo de uma nova fase do personagem, que segue descobrindo-se junto com Laerte. Judith Butler analisa em *Bodies that matter*: “As normas de gênero operam exigindo a incorporação de certos ideais de feminilidade e masculinidade, quase sempre relacionados à idealização do vínculo heterossexual” (232)<sup>26</sup>. Laerte funciona como exemplo de integração de gêneros, pois gradativamente caminha por entre as normas de gêneros, através de Hugo e Muriel, para encontrar a normatividade que melhor se adequa ao gênero que a convém.

---

<sup>26</sup> “Gender norms operate by requiring the embodiment of certain ideals of femininity and masculinity, ones that are almost always related to the idealization of the heterosexual bond” (232).

### FIGURA 13



**Figura 13:** Pela primeira vez, Hugo assume sua identidade feminina: Muriel Total  
<http://murieltotal.zip.net/> Data: 08 Março 2009 a 14 Março 2009

No documentário produzido pela Netflix, *Laerte-se*, o primeiro feito no Brasil pela produtora e lançado em 2017, Laerte conta às diretoras Lyga Barbosa da Silva e Eliane Brum, que foi na publicação para a *Revista Bravo*, em Setembro de 2010, a primeira vez que colocou brincos vermelhos e uma roupa preta. É possível aqui fazer uma reflexão à tirinha (FIGURA 6), onde Hugo pela primeira usa um vestido. Curiosamente, foi também um vestido preto, quando ainda fugia da máfia. O vestido tem uma representação para ambos, Hugo e Larte, como a de uma oportunidade de assumirem, mesmo que timidamente, suas identidades femininas.

Laerte menciona no documentário que desde a morte do filho Diogo em 2004 em um árduo percurso até 2009, viveu uma crise identitária. Porém em 2009, depois de mudanças em seu trabalho, ao mesmo tempo que descobria sua identidade feminina, Larte usou Hugo e Muriel como agentes de reflexão. Muriel foi aparecendo de forma mais frequente nas tirinhas de Hugo até que deixou de ser uma figura temporária para

manifestar-se de maneira corriqueira.

O personagem Hugo entrou para o clube de *crossdressers* antes mesmo de Laerte, mas foi através dele que a artista manifestou a sua identidade feminina, e ambos começaram como *crossdressers* para depois se conhecerem como pessoas transgêneros. *Crossdressing* é o ato de vestir-se com roupas associadas ao sexo oposto, podendo ser ou não temporário. Portanto no caso de Hugo, ele passa a viver uma fase na qual ele se veste para vivenciar uma identidade feminina. Hugo e Muriel debatem sobre suas identidades individuais. Essa fase é marcada com tirinhas que acarretam em debates sobre a questão de gênero no Brasil, problemas sociais, violências sociais e físicas contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Em um apanhado de tirinhas, Hugo reflete as questões que Laerte vai descobrindo ao longo de seu processo de transição.

Logo no início do lançamento da página Muriel Total, Laerte lançou a série *Silicone Blues*, onde Hugo tem iniciação na questão identitária. A série possui seis tirinhas, publicadas em 2009 e manifestam as primeiras descobertas de Hugo, quando ele por exemplo, usa silicone pela primeira vez. Muriel ainda não era mencionada nas tirinhas, porém a plataforma online já fazia alusão à nova personagem que iria aparecer. A primeira tirinha da série *Silicone Blues* (FIGURA 14) mostra Hugo em uma versão preto & branco, o que difere a série das outras artes gráficas coloridas de Laerte. Hugo visita um médico que mostra a ele uma moldura que transforma o corpo em uma forma considerada perfeita, com seios e bumbum em formato avantajado. O médico demonstra a máquina e explica: “Simples, você entra nesta forma ... e a gente enche de silicone!” Laerte continua a mostrar a rotina de Hugo de maneira dramática, porém irônica e humorada. As cores podem ser consideradas duas realidades, uma em preto e branco, na

qual Hugo não tinha convicção sobre seus próprios instintos ao contrário de uma versão colorida, onde as cores podem representar certezas e reafirmações de sua identidade.

Ao sair da máquina futurista, Hugo se mostra satisfeito com o novo corpo e exclama: “Puxa! Obrigado, doutor!”. O médico também se mostra contente com o resultado e diz: “Obrigado, nada...”. O médico deixa a entender que existe uma certa sexualidade com a figura estereotipada de Hugo, como se o médico quisesse algo mais como pagamento do procedimento cirúrgico realizado. As cirurgias plásticas e o uso de hormônios são dois elementos frequentes no processo de mudança no corpo, para obter características que melhor se adequem ao corpo que procuram. Judith Butler estuda o significado de palavras para construir teorias sobre o corpo: “No grego, não há referência a “stamos”, mas a frase “a forma dada pelo selo” está contida no termo único “esquema”. Esquema significa forma, formato, figura, aparência, vestido, gesto, figura de um silogismo e forma gramatical” (33)<sup>27</sup>. Hugo embarca em uma peregrinação pelo corpo que considera perfeito, explora os atributos femininos e masculinos presentes em seu corpo enquanto percorre os entendimentos de sua sexualidade. A figura e a aparência mencionadas por Butler fazem parte do cotidiano de Hugo, ao ponto de participar de um processo cirúrgico.

Uma questão muito confundida é a questão de gênero, como a pessoa se identifica, homem ou mulher, versus a sexualidade, a pessoa com a qual o indivíduo sente atração sexual. Hugo, outrora bissexual, questiona pela primeira vez se é homossexual e se

---

<sup>27</sup> “In the Greek, there is no reference to ‘stamos’, but the phrase, ‘the shape given by the stamp’ is contained in the single term ‘*schema*’. *Schema* means form, shape, figure, appearance, dress, gesture, figure of a syllogism, and grammatical form” (33).

preocupa com a opinião alheia. Suas tirinhas são importantes para entender e refletir questionamentos sobre gênero e sexualidade.

FIGURA 14



**Figura 14:** Hugo coloca silicione pela primeira vez. Fonte: COUTINHO, Laerte. Muriel Total. São Paulo. 2009. <http://murieltotal.zip.net/> Data: 01 Março 2009 a 17 Março 2009

Hugo começa a deparar-se com uma nova realidade. Em um certo momento, fica impressionado com seu corpo perfeito e exclama: “Uau! Olha só que corpo demais! Silicone é uma maravilha! Posso ter tudo isso... e continuar sendo homem!” (FIGURA 15). Ele desafia os padrões sociais por ter um corpo feminino e ser considerado “homem”. Entretanto, as questões despuídas questionam Hugo em um instante rápido e o afeta: “Pena que eu não seja homossexual também”. A tirinha termina com Hugo pensativo ao refletir sobre suas escolhas. O leitor pode indagar a controvérsia acerca da sexualidade de Hugo, pois ele demonstra tristeza em um momento ao indicar suas preferências sexuais. Essa tirinha é um rico exemplo de que o gênero com o qual uma pessoa se identifica não está correlacionado com sua sexualidade. Marjorie Garber estuda em seu livro *Vice Versa – Bisexuality and the Eroticism of Everyday Life*, as diferentes formas como sociedades reagem ao homossexualismo e bissexualidade. Garber faz uma

interessante relação entre opiniões discutidas na Inglaterra no período renascentista e nos dias atuais.

Ela explica que “o resultado para o indivíduo era um incentivo para não identificar seus encontros sexuais com o que hoje chamaríamos de ‘sexualidade’, ‘orientação sexual’ ou ‘preferência sexual’. A política de indiferença oficial "tornou possível ao indivíduo evitar os problemas psicológicos”<sup>28</sup>. Segundo Garber, as experiências eram casuais ou reclusas. Hugo, ao manter suas relações também reclusas, ou como seus objetos de desejo, enquadra-se no perfil citado por Garber, pois seus desejos, ainda não aflorados, começam a ficar mais presentes nas tirinhas no decorrer das publicações.

FIGURA 15



**Figura 15:** Hugo desafia as questões de gênero e sexualidade. Fonte: COUTINHO, Laerte. Muriel Total. São Paulo. 2009. <http://murieltotal.zip.net/> 08 Março 2009 a 14 Março 2009

Após o término do ciclo da série *Silicone Blues*, Hugo começa uma jornada na qual conhece outras pessoas trans. As tirinhas retornam ao seu formato colorido.

Progressivamente, Hugo incorpora tópicos sobre violência e invisibilidade que começam

---

<sup>28</sup> “The result for the individual was an incentive not to identify his (or her) sexual encounters with what we would today call a ‘sexuality’, ‘sexual orientation’, or ‘sexual preference’. The policy of official indifference ‘made it possible for the individual to avoid the psychological problems’ (511).

a dar espaço às vozes marginalizadas. Laerte dedica algumas tirinhas exclusivamente à temática *crossdresser* e lentamente, as tirinhas abordam a realidade de travestis para enfim focar sua atenção em transgêneros.

Em uma tirinha (FIGURA 16), Hugo, curiosamente observa uma mulher na esquina. Essa mesma figura é chamada por ele de *crossdresser* selvagem. Acolhedora, a mulher diz: “Oi! – Você voltou.”. Nervoso, Hugo se explica: “Engano seu, eu nunca estive aqui!...”. Para o espanto de Hugo, ela o responde: “Esteve sim, meu bem! – Só que montada.” Hugo sente-se aceito e reconhecido, mesmo usando suas roupas habituais. Na volta para casa, Hugo escreve em seu diário “A natureza dotou *crossdressers* selvagens de antenas super sensíveis”. Nota-se que no último quadro da tirinha, com Hugo já em casa escrevendo em seu diário, que ele usa as roupas de Muriel. Surpreendentemente, Hugo demonstra hábitos regulares de vestir-se de Muriel e sair às ruas, enquanto que em casa, *montar-se* de Muriel já faz parte de sua rotina. Ao escrever, ele usa as roupas de Muriel, menos a peruca, o que demonstra a introdução de Muriel em sua vida.

É razoável afirmar que Laerte, ao encontrar sua própria forma de expressão, estabelece Hugo como instrumento de agência em um universo que deseja explorar ou provocar interesse nos leitores. Assim, a personagem Muriel surge, em um misto de curiosidade e descobertas, e educa os leitores, usando o humor sobre questões de gênero e identidade pouco exploradas no Brasil, especialmente no gênero de tirinhas, quando não havia outra personagem vivenciando o mesmo processo de transição de Muriel no gênero de *comics*. Entende-se portanto que Hugo aprende sobre si mesmo quando surge Muriel. Ao mesmo tempo que Hugo adquire conhecimentos sobre si mesmo, suas descobertas são mostradas ao leitor, que aprendem com Hugo sobre questões de sexo, gênero e identidade

sexual. O que simboliza a palavra identidade em questões de gênero e sexualidade? Mark Norris Lance e Alessandra Tanesini questionam política e identidade *queer* no artigo “Identity Judgements, Queer Politics” no livro *Queer Theory*. Os autores clarificam características acerca de julgamento relacionados às questões identitárias de cada indivíduo de acordo com as normas da sociedade em que vivem. Os estudiosos relacionam pontos principais que englobam normas conservadoras, ideais e táticas. Contudo, apontam que “para atribuir à sexualidade, o status de uma identidade é endossar que a adoção de um roteiro particular é normativo para o pensamento e o comportamento de uma pessoa, e exigir que a sociedade facilite a vida, que coerentemente une esse roteiro às outras identidades da pessoa” (180).<sup>29</sup> Podemos argumentar que indivíduos atribuem suas ações a um determinado roteiro dado pela sociedade. Laerte, assim como outros transgêneros, rompem com esses roteiros e essa ruptura é mostrada nos desenhos de Hugo e Muriel durante o processo contínuo de Hugo durante a sua transição.

---

<sup>29</sup> “We have claimed that to accord to sexuality the status of an identity is to endorse that the taking up of a particular script as normative for one’s thought and behavior, and to demand society’s facilitation of one’s living a life which coherently conjoins this script with one’s other identities” (180).

FIGURA 16



**Figura 16:** Hugo observa uma *crossdresser*. Fonte: COUTINHO, Laerte. Muriel Total. São Paulo. 2009. <http://murieltotal.zip.net/> Data: 07 Junho 2009 a 13 Junho 2009

No documentário *Laerte-se*, Laerte revela: “eu estou me descobrindo, descobrindo novas formas de expressão, vestidos novos, sapatos incríveis. Toda hora tem novidade. É evidente que isso ocupa uma centralidade no meu modo de ser e no meu trabalho. Esse tipo de trabalho, que é um trabalho expressivo, de artistas, comendiantes e literatos, tem muito vínculo do modo como a pessoa é”. Laerte explica que o gênero não é uma escolha e cada pessoa se identifica com o gênero que melhor se adequa, sendo que o gênero pode não necessariamente ser compatível com aquele atribuído ao nascer. Para demonstrar como se sentia em relação ao seu gênero, dando uma pausa das tirinhas da página *Muriel Total*, Laerte fez uma tirinha e a publicou no livro *Laertevisão*, de 2007. A tirinha faz referência a Coccinelle, “o homem que virou mulher (1963)”. Coccinelle era o nome artístico da atriz e cantora francesa Jacqueline Charlotte Dufresnoy, símbolo europeu por ser uma ativista transgênero que conseguiu espaços e direitos na França. Na tirinha (FIGURA 17), Laerte, adolescente, lê sobre Coccinelle, dorme e sonha (ou acorda) com um corpo feminino. As tirinhas de Laerte são um reflexo de sua existência e

de seus desejos, nas quais a maneira como ela é se manifesta em seu trabalho. Judith Butler, em seu livro *Undoing Gender*, enfatiza que “aqueles que afirmam que a transexualidade é, e deveria ser, uma questão de escolha, um exercício de liberdade, certamente estão corretos (88)<sup>30</sup>”. Butler acrescenta que “eles também estão certos em apontar que os vários obstáculos colocados pelas profissões psicológicas e psiquiátricas são formas paternalistas de poder pelas quais uma liberdade humana básica está sendo suprimida” (88)<sup>31</sup>.

### FIGURA 17



**Figura 17:** Laerte confessa relatos de sua adolescência. Fonte: COUTINHO, Laerte. **Laertevisão – Coisas que não esqueci.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007, p.80

<sup>30</sup> “Those who claim that transsexuality is, and should be, a matter of choice, an exercise of freedom, are surely right” (88).

<sup>31</sup> “They are right as well to point out that the various obstacles posed by the psychological and psychiatric professions are paternalistic forms of power by which a basic human freedom is being suppressed” (88).

Sabendo da identificação de Laerte, podemos fazer uma relação com as atitudes de Hugo e Muriel. Por um lado, Hugo descobre sua sexualidade e sua a identidade feminina. Por outro lado, Muriel aparece como uma figura feliz por posicionar-se no gênero que se identifica e por viver sua vida livre confrontando preconceitos e julgamentos da sociedade. Estudando Hugo e Muriel, podemos então considerá-los com dois personagens separadamente? Seriam então duas figuras com características individuais? É possível enxergá-los como um processo de criação, onde Muriel é criada por uma imprescindibilidade de Hugo, entretanto é também possível perceber uma configuração emancipada, ou seja, Hugo e Muriel são duas pessoas que se combinam e que vivem apartadas ao mesmo tempo.

Para melhor visualizar essa teoria sobre os personagens Hugo e Muriel, pode-se analisar as muitas tirinhas que demonstram Hugo e Muriel vivendo de formas paralelas. Por exemplo, numa dessas tirinhas (FIGURA 18), pode-se perceber a questão da dupla personalidade abordada por Laerte de maneira leve e humorada. Hugo conversa com alguém e avisa que vai sair. Em seguida, a pessoa pergunta: “montado?” E Hugo responde: “Não, vou de Hugo. Estou dando um descanso para a Muriel senão ela cria vida e sai por aí”. A tirinha representa a frequência com que Hugo, progressivamente, permite que Muriel ganhe espaço em seu cotidiano. Todavia, nota-se o controle que Hugo ainda tem sobre Muriel, ou que ele presume dispor, como se esta dependesse de Hugo para quando e onde sua persona poderia aparecer. O controle sobre a personalidade de Muriel é desfeito quando o leitor consegue vê-los ao mesmo tempo no último quadro da tirinha. Hugo e Muriel pensam ao mesmo tempo: “vou fingir que não vi...” “Há diferentes formas de interpretar essa tirinha, uma delas seria a maneira como Muriel e Hugo se

transformam em duas pessoas independentes, o que leva a ação ao humor irracional e impossível de acontecer, porém perfeito como analogia de sua identidade, porque Muriel representa a liberdade de Hugo, que dá liberdade para que ele viva da maneira que quiser. Outra possível análise seria se Muriel, inconscientemente, ficasse ‘em casa’, pois Hugo teria ido à festa com suas roupas ‘masculinas’. Todavia já na festa, em certo momento, Hugo se idealiza usando as roupas de Muriel, o que pode ser uma alusão ao desejo de vestir-se como ela, com suas roupas ‘femininas’ regularmente, sem ter que haver essa divisão de vestir-se às vezes de Muriel e outras de Hugo. Possivelmente seria o desejo da própria cartunista Laerte, que deixa o hábito de *montar-se* esporadicamente e abraça a forma de vestir-se “de mulher” de forma permanente. Laerte declara que não é uma mulher e não tem a presunção de ser, porém sente-se como uma figura feminina e por isso, mantém suas roupas e suas atitudes como uma tradução do universo feminino, pois é assim que se identifica. Hugo portanto é uma ilustração do reconhecimento de sua persona feminina, pois Laerte e Hugo assumem-se como pessoas transgêneros ao mesmo tempo.

De acordo com Richard Ekins e Dave King, no livro *The Transgender Phenomenon*, “gendering” foi um termo encontrado para abordar a transição de um indivíduo e estabelecer uma classificação entre os gêneros: “Dada a classificação - a divisão binária de gênero - há quatro modos principais de transgeneração: (1) cruzar a fronteira do gênero permanentemente; (2) atravessá-la temporariamente; (3) buscar

eliminá-la e (4) buscar "ir além" da fronteira” (34)<sup>32</sup>. Seguindo essa classificação, Hugo teria cruzado a fronteira do gênero permanentemente, enquanto Laerte ainda o faz progressivamente.

Nota-se que o número de tirinhas que abordaram somente as experiências de Hugo diminuiu em relação ao número de tirinhas que contam os relatos de Muriel sozinha. Laerte publicou ao todo 250 tirinhas no site *Muriel Total* no período de 2009 a 2014, sendo que apenas dezessete tirinhas são centralizadas em Hugo e as demais são concentradas em suas experiências com sua identidade, com Muriel ao mesmo tempo que abrangem tópicos sobre a questão de gênero e sexualidade. Tendo em vista que o site foi criado com o nome de Muriel, é compreensível que as tirinhas não possuam o enfoque centralizado na persona de Hugo, e sim uma combinação na manifestação de Muriel e tópicos que também façam parte do cotidiano de Laerte.

### FIGURA 18



**Figura 18:** Hugo encontra Muriel na rua. Fonte: COUTINHO, Laerte. *Muriel Total*. São Paulo. 2009. <http://murieltotal.zip.net/> 22 Março 2009 a 28 Março 2009

<sup>32</sup>“Given the classification – the binary gender divide – there are four major modes of transgending: (1) crossing the divide permanently; (2) crossing it temporarily; (3) seeking to eliminate the divide and (4) seeking to ‘go beyond it’” (34).

Em uma entrevista para o jornal *Unidade*, em Janeiro de 2018, Laerte reafirma seu gênero: “Eu sou uma mulher possível, sou o que queria ser. Sou uma transição, sou isso, transgênera. Eu não fiz minha transição, estou fazendo e sei lá quando acaba”. Para Laerte, que se identifica com o pronome feminino, o que importa é dar espaço e visibilidade para que pessoas trans possam ocupar posições decentes na sociedade. Laerte criou uma tirinha onde Muriel chega em casa, cansada, à noite (FIGURA 19). Muriel pensa “Fim de balada... vem a parte triste, mas necessária”. A voz é transposta de Muriel para Hugo, que descontente, retira a maquiagem e a peruca ao prepara-se para ir dormir. Já deitado, Hugo conclui o pensamento “Dar num descanso à Muriel”. A palavra necessária soa como uma expressão negativa, pois reforça a necessidade de evitar a presença de Muriel, ou seja, é vital que Hugo dê uma pausa à sua forma de expressão. Não obstante, ao dormir, Muriel ressurgue e volta a ser uma representação válida na vida de Hugo. Mesmo dormindo, Hugo sente a magnitude de Muriel.

A presença de Muriel e o fato de Hugo cruzar a fronteira do gênero gradualmente, ainda seguindo os princípios de classificação de Richard Ekins and Dave King, demonstra a importância de sua própria consolidação em relação à sua própria identidade. Após estudar as tirinhas de Laerte e focar na representatividade de Hugo e Muriel, pode-se portanto definir a validação da importância do trabalho de Laerte para dar espaço e visibilidade à comunidade trans brasileira. Laerte usa humor como forma de expressar críticas, anseios, necessidades, carências e valorizar uma comunidade à margem da sociedade.

FIGURA 19



Figura 19: Hugo sonha com Muriel. Fonte: COUTINHO, Laerte. Muriel Total. São Paulo. 2009.  
<http://murieltotal.zip.net/> 24 Maio 2009 a 30 Maio 2009

## CONCLUSÃO

As tirinhas têm o poder de remeter ideias e opiniões simultaneamente com as problemáticas que as acompanham. Estudar as tirinhas de Laerte, sob o intuito de investigar como o processo de descoberta de sua própria identidade de gênero se deu através de seus personagens. É enriquecedor por conta de esclarecimentos que se dão quanto às inúmeras interpretações erradas sobre as questões que giram em torno de gênero e sexualidade. Este trabalho foi iniciado com o propósito de estudar a temática de descobrir-se transgênero por meio de suas próprias criações e acabou tornando-se um projeto não apenas de coleta de informações sobre a questão de gênero, como também um estudo sobre literatura de quadrinhos, com ênfase em tirinhas, publicadas geralmente em jornais.

Para este trabalho, foram analisadas tirinhas publicadas em dois livros de Laerte: *Hugo para principiantes* e *Laertevisão*, além de tirinhas publicadas no blog pessoal de Laerte, *Muriel Total*, entre 2009 e 2014. Após coletar as tirinhas dos livros e escolher aquelas apropriadas para este projeto, notei a variedade desse gênero no blog *Muriel Total*, com tópicos distintos, em ordem cronológica, com datas que variaram de acordo com as publicações das tirinhas no jornal *Folha de São Paulo* e adicionadas no blog *Muriel Total*.

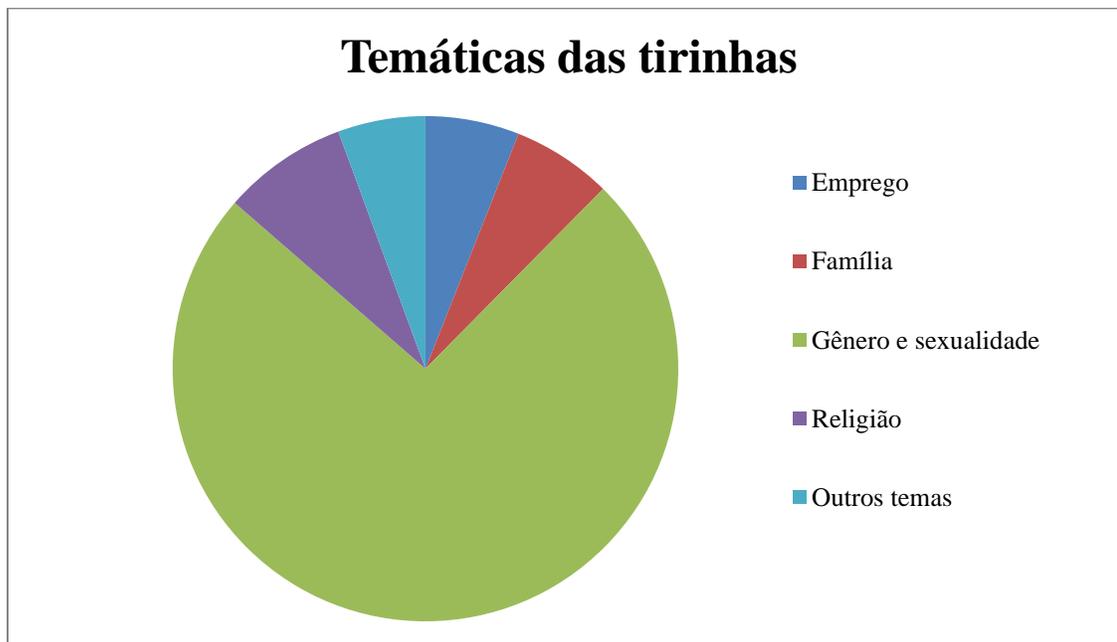
Para que este projeto tivesse um fundamento que caminhasse em harmonia com os tópicos propostos e observasse a coesão de acontecimentos na narrativa de Hugo e

Muriel, foi proposta uma ordem que auxiliasse a estrutura do repertório das tirinhas. Por iniciativa minha, organizei as tirinhas do blog *Muriel Total* em tópicos para compreender os temas tratados por Laerte entre 2009 e 2014.

A sistematização do material apontou para os seguintes temas: emprego, família, gênero e sexualidade, religião, além de uma categoria composta de outros temas aleatórios que não se encaixaram nas cinco temáticas mais recorrentes. Algumas das tirinhas agrupadas em “outros temas” são séries isoladas, tais como uma viagem de Hugo a *Machu Pichu* (como descrito por Laerte), sobrevivência básica em uma ilha deserta, diálogos com uma serpente e tirinhas retratadas no período pré-histórico. Embora gênero e sexualidade sejam temas distintos, por conta dos mesmos serem apresentados frequentemente juntos nas tirinhas de Muriel, para fins de organização das tirinhas, serão agrupados na mesma categoria analítica (FIGURA 20).

Para melhor visualização, algumas tabelas foram montadas. Dentre as tirinhas retiradas do blog *Muriel Total*, nota-se que os assuntos mais debatidos são sobre gênero e sexualidade. Entretanto, há um número relevante de tirinhas que abordam questões essenciais para a visibilidade, respeito e direitos que indivíduos, especialmente transgêneros, lutam para conseguir. O foco em transgênero se dá pelo exemplo dado por Laerte nas tirinhas de Muriel, e por conta disso, os diagramas e contextos utilizados nesta pesquisa giram em torno de transgêneros, especificamente.

**FIGURA 20**



**Figura 20:** Divisão das tirinhas encontradas no blog *Muriel Total* por temáticas. Fonte: análise da autora. Data 04 Abril 2018

As 185 tirinhas que debatem gênero e sexualidade servem como um reflexo do conhecimento e experiências de Laerte. As temáticas abordadas seguem um roteiro não linear que incorpora os experimentos de Hugo em relação ao vestuário feminino, amizades, problemas, com o uso de um banheiro designado ao gênero com o qual o indivíduo se identifica, direitos sociais, uso de hormônios, preconceitos, a importância do espelho e a interessante referência aos dois personagens Hugo e Muriel, que trabalham suas individualidades separadamente.

Outro personagens surgiram dentro do contexto de Muriel, como por exemplo um amigo, que quando incorpora a sua identidade feminina, atende pelo nome de Socorro. Por medo de separar-se da esposa e perder o contato com os filhos, Socorro

apenas *se monta* quando sai com Muriel. Outro personagem, Estênio, nascido Verônica, decide vender o carro para fazer mastectomia e relata experiências sobre sua transição. Por conta de personagens como Muriel, Socorro e Estênio, as tirinhas de Laerte são retratadas como uma reflexo da luta de transgêneros, assim como indivíduos LGBTQI, em busca de visibilidade e respeito.

Embora exista um grande número de tirinhas que incorporem elementos como machismo, violência, preconceito e dificuldades encontradas por pessoas trans, no geral, a maioria das tirinhas de Laerte encontradas no *Muriel Total*, reúne pautas positivas que refletem instruções bem humoradas que educam sobre a questão de gênero e refletem a necessidade de respeito e aceitação entre todos.

Depois de analisar a literatura de quadrinhos, as teorias que giram em torno de identidades de gênero e estudar as tirinhas de Hugo e Muriel, foi possível compreender o processo complexo de identificação, aceitação e assimilação da identidade mais adequada para cada indivíduo que sente ter nascido no corpo errado. A violência e a falta de compreensão dificultam ainda mais o processo de transição. Trabalhos como as tirinhas de Laerte permitem que vozes marginalizadas como as de pessoas trans encontrem modelos positivos, nos quais possam existir identificação e encorajamento. Laerte faz uso de auto paródia pois quando ri de si mesma, transforma temáticas inquietantes mais fáceis para abertura de um debate. Nota-se que Laerte tenta com suas tirinhas educar o público com suas descobertas, de maneira leve, bem humorada, porém de maneira firme e original.

FIGURA 21



**Figura 21:** Muriel como fonte de inspiração para apoio e aceitação. Fonte: COUTINHO, Laerte. Muriel Total. São Paulo. 2009. <http://murieltotal.zip.net/> 26 Julho 2009 a 01 Agosto 2009

## BIBLIOGRAFIA

- Arroyo, Jossianna. *Travestismos culturais, Literatura y etnografía en Cuba y Brasil*. Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana. Universidade de Pittsburgh. Pittsburgh. 2003
- Baetens, Jan, and Frey, Hugo. *The Graphic Novel – An introduction*. Cambridge University Press. New York, 2015
- Barbosa, Lygia. Brum, Eliane, directors. *Laerte-se*. Perf. Laerte, Rita Lee. Netflix, 2017. Documentary.
- Brown, Richard Harvey. *Narrative, Literary Theory, and the Self in Contemporary Society*. Duke University Press. Poetics Today, Vol. 6, No. 4 (1985), pp. 573-590
- Butler, Judith. *Bodies that matter*. Routledge. New York. 1993
- Butler, Judith. *Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex*. University Press. Yale French Studies. 1986. No. 72. Pp. 35-49
- Butler, Judith. *Undoing Gender*. Routledge. New York. 2004
- Café Filosófico*. Criado pela TV Cultura, palestra dada por Benilton Bezerra Jr. Ano 2016
- Cornwell, Lisa. "Comics No Longer a Joke in Academia". *Graphic Novels and Comic Books*. Edited by Kat Kan. The H. W. Wilson Company. New York, 2010
- Chute, Hillary L. "Graphic Women". *Life Narrative and Contemporary Comics*. Columbia University Press. New York. 2010
- Coutinho, Laerte. *A Pororoca*. Editora FTD S.A. São Paulo. 2002
- Coutinho, Laerte. *Deus segundo Laerte*. Editora Olho d'Água. São Paulo. 2000
- Coutinho, Laerte. *Histórias repentinas*. Editora Devir. São Paulo. 2001

- Coutinho, Laerte. *Laertevisão*. Conrad Editora do Brasil. São Paulo. 2007
- Coutinho, Laerte. *Muchacha*. Editora Schwarcz. São Paulo. 2010
- Coutinho, Laerte. *Muriel Total*. 2009-14, <http://murieltotal.zip.net/>.
- Coutinho, Laerte. *Overman*. Editora Devir. São Paulo. 2003
- Coutinho, Laerte. *Striptiras: Grafiteiro, o detonador do futuro*. Número 2. L&PM Editores. Porto Alegre. 2007
- Eisner, Will. *Comics and Sequential Art*. Poorhouse Press. Florida, 1985
- Eisner, Will. *Graphic Storytelling and Visual Narrative*. Poorhouse Press, Tamarac, FL, 2013
- Ekins, Richards et King, Dave, Edit. *Transgender Phenomenon*. Sage Publications. London. 2006
- Feinberg, Leslie. *Transgender Warriors*. Beacon Press. Boston. 1996
- Foucault, Michel. *The History of Sexuality*. Random House, Inc. New York. 1978
- Garber, Marjorie. *Vice Versa Bisexuality and the Eroticism of Everyday Life*. Simon & Schuster. New York. 1995
- Gravett, Paul. *Comics Art*. Yale University Press. New Heaven, CT
- Green, James N. *Beyond Carnival – Male Homosexuality in Twentieth-Century Brazil*. The University of Chicago Press. Chicago. 1951
- Halberstam, Jack. *A Quick and Quirky Account of Gender Variability*. University of California Press. Oakland. 2018
- Henry John, Pratt. "Narrative in Comics." *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*. No. 1, 2009, pp. 107-117
- Kessler, Suzannw J. *Lesson from the Intersexed*. The University of Chicago. Chicago. 1998
- Jagose, Annamarie. *Queer Theory: An Introduction*. New York University Press. New York. 1996

- Lance, Mark Norris, and Tanesini, Alessandra. "Identity Judgements, Queer Politics". *Queer Theory*. Edited by Iain Morland and Annabelle Willox, Palgrave Macmillan. New York. 2005
- LaFont, Suzanne. "Who Put the "Trans" in Transgender". *Constructing Sexualities. Readings in Sexuality, Gender, and Culture*. Edited by Suzanne LaFont. Pearson Education, Inc. New Jersey, 2003
- Lefèvre, Pascal. "Intermediality, Transmediality, and Graphic Narrative." *From Comics Strips to Graphic Novels*. Edited by Daniel Stein and Ja-Noël Thon (Eds), Walter de Gruyter GmbH, Berlin, 2013
- Lélio, Sebastián, director. *A Fantastic Woman*. Perf. Daniela Vega, Francisco Reyes. Fabula Komplizen Film, 2017. Film
- Lent, John A. Edit. *Cartooning in Latin America*. Hampton Press, Inc. Cresskill, NJ. 2005
- McCloud, Scott. *Understanding Comics*. Kitchen Sink Press. Northampton, MA. 1993
- McCloud, Scott. *Reinventing Comics*. Paradox Press. New York. 2000
- McCloud, Scott. *Making Comics*. HarperCollins. New York. 2006
- Moisés, Massaud. *A criação literária. Melhoramentos*. São Paulo. 1970
- Nery, João W. *Viagem Solitária*. Leya Editora. São Paulo. 2011
- Pawuk, Michael. *Graphic Novels – A Genre Guide to Comic Books, Manga, and More*. Libraries Unlimited. London, 2007
- Reddy, Vasu, and Butler, Judith. *Toubling Genders, Subverting Identities: Interview with Judith Butler*. *Agenda: Empowering Women for Gender Equity*, No. 62, African Feminisms. Volume 2, 1: Sexuality in Africa (2004), pp. 115-123
- Richards, Jen. "What trans movement?" *Magazine The Advocate*. Edition 1080. August and September 2015
- Rippl, Gabrielle, and Etter, Lukas. "Intermediality, Transmediality, and Graphic Narrative." *From Comics Strips to Graphic Novels*. Edited by Daniel Stein and Ja-Noël Thon (Eds), Walter de Gruyter GmbH, Berlin, 2013
- Saraceni, Mario. *The language of comics*. Routledge. New York. 2003

- Serafim, Flaviana. “Sou uma mulher possível. Sou o que queria ser”. *Jornal Unidade*. 03 January 2018. Online. Last access: 14 April 2018  
<http://www.sjsp.org.br/noticias/laerte-coutinho-sou-uma-mulher-possivel-sou-o-que-queria-ser-2859>
- Schmitz-Emans, Monika. “Graphic Narrative as World Literature.” *From Comics Strips to Graphic Novels*. Edited by Daniel Stein and Ja-Noël Thon (Eds), Walter de Gruyter GmbH, Berlin, 2013
- Silva, Fabiana Araújo da. *Histórias em quadrinhos para adultos: um estudo de caso da DC Comics*. Salvador. UNIRB, 2009
- Silva, Hélio R. S. *Travesti, a invenção do feminino*. Sindicato nacional dos Editores de Livros. Rio de Janeiro. 1993
- Soloway, Jill, director. *Transparent*. Perf. Jeffrey Tambor. Amazon Studios, 2014. Film
- Sousa, Ramon de. *O Espelho de João*. Editora Garcia. São Paulo. 2017
- Stryker, Susan. *Transgender History*. Seal Press. Berkeley, CA. 2008
- Vidale, Giulia. “A saga de ter um filho transgênero”. *Magazine Veja*. Edition 2552, year 50, n. 42, 18 of october 2017
- Wilde, Oscar. *The picture of Dorian Gray. An annotated, uncensored edition*. Edited by Nicholas Frankel. The Belknap Press of Harvard University Press